

RICARDO BONETTI

meu nome é
Matrícia



confe a minha história

Só duvidamos da existência de Deus quando estamos em pé

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

Esta obra pode ser distribuída livremente por meio eletrônico, porém a sua comercialização, reprodução ou tradução, sem autorização prévia do autor é proibida.

(LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Art. 7º)

Os Direitos Autorais foram doados integralmente para a construção da nova sede do GEE Lírio Branco.
www.liriobranco.com.br

O Lírio Branco é uma entidade sem fins lucrativos que ajuda diariamente centenas de pessoas com suas ações filantrópicas, entre elas a

distribuição de alimentos para moradores de rua, kit enxoval e orientação para mães carentes, palestras e atividades para jovens, musicoterapia, visitas a orfanatos e asilos, com ajuda em gêneros. Sua doação contribuirá para a continuidade dessas ações. É fácil, basta fazer um depósito de qualquer valor em uma das contas abaixo:

**Grupo de Estudos
Espíritas Lírio Branco
CNPJ: 66.849.951/0001-48**

Banco ITAU

Agência: 4903

Conta Corrente: 05029-4

Banco BRADESCO

Agência 1413

Conta Corrente: 203-8

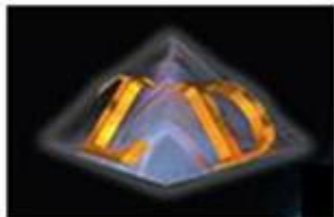
APOIO



www.caminhosdomar.org.br



www.suporte.eco.br



www.ldfilmes.com.br

O direito audiovisual foi adquirido pela LD Filmes.

MEU NOME

É **MATRÍCIA**.

CONTE A MINHA HISTÓRIA.

***“Só duvidamos da
existência de Deus
quando estamos em pé”***

Ricardo Bonetti

*“Matrícia” é baseado em fatos reais
e mostra a vida de uma pessoa que
nunca acreditou em Deus.*

O nome das pessoas e os locais

são fictícios, qualquer semelhança é mera coincidência.

Verão de 2010

Eu e minha família resolvemos alugar uma casa em Itanhaém, litoral sul de São Paulo. Os adolescentes perceberam um vulto no local, o que provocou medo e insegurança em todos.

Fizemos oração e tudo ficou em paz. Jamais poderíamos imaginar o que aconteceria em nossas vidas depois daquela dia.

1 O Telefonema

1 Alô! Dri?

Xiiii, clec, clec toc xiiiiii...

– Oi Ri, a ligação está horrível. Eu retorno em 15 minutos, beijos.

Assim começa uma história que mudaria a vida de muitas pessoas.

Adriana e Jorge. Ela, gerente-executiva de moda; ele...corintiano 'roxo', surfista e especialista em desenhos industriais. Três filhos do primeiro casamento: Estefani, Tifani e Raian.

Meire e Ricardo. Ela, Professora e

Arte-educadora. Ele, Técnico em Eletrônica, surfista. Dois filhos: Luana e Renan.

Era fim de ano e todos desejavam passar as festas na praia.

O objetivo era muito simples: alugar uma casa grande com três banheiros e boas ondas no local.

Ao chegar em sua residência, Adriana verifica a secretária eletrônica e ouve o único retorno de uma dezena de ligações que fizera, a fim de conseguir um imóvel.

Aperta o botão e uma voz rouca de uma idosa explica:

1 “Querida Adriana, estou retornando a sua ligação, a casa está disponível, tem dez quartos, três suítes, dois lavabos, duas cozinhas, sala de estar, sala de tv, salão de jogos, piscina e quadra. Está localizada no Morro do Mirante, em Itanhaém, conhecida como “Mansão dos Nobres”. O preço é de 1.500 reais pelos 10 dias, caso tenha interesse, favor me ligar. Obrigada”

Ao ouvir a mensagem Adriana dá um pulo do sofá e quase não acredita no que acabara de ouvir. Quando iria repetir a mensagem a porta se abre e Jorge entra com os filhos.

Ela grita eufórica.

– Amor vem aqui.

Ele aproxima-se e ela o faz escutar o recado.

Jorge desconfia e fala:

- Isso aí é praticamente oferecer um oásis para um esquimó pelado no deserto.

Pelo sim e pelo não, eles resolvem pesquisar a região mencionada, assaltos, área de risco, etc.

Jorge reúne os filhos e dá uma ordem:

– Té, Ti, Raí. Pesquisem tudo na

Internet sobre a “Mansão dos Nobres”, em Itanhaém.

As crianças, cansadas, sobem para os quartos, enquanto o casal discute a situação na sala.

Deitada no colo do Jorge ela medita:

– E aí “môr”? Isso “tá” estranho, não acha?

Jorge avalia o custo e pensa. (Isso mesmo, corintiano também pensa - brincadeira).

– “Pô”, Dri, está muito barato, sei lá. Melhor irmos na casa dessa Dona e fecharmos o negócio lá.

1 No dia seguinte Adriana resolve ligar para a Dona Rosa, proprietária da Mansão.

– Alô! Dona Rosa? Tudo bem? Sou a Adriana, interessada na casa. Gostaria de fechar com a senhora. Poderíamos, eu e meu marido, irmos até a sua casa?

Dona Rosa era uma pessoa de idade, morava sozinha e não costumava receber ninguém, mesmo assim ela concorda.

– Tudo bem, minha filha. Anote o endereço.

Adriana conhecia o local e

acertaram o encontro.

– Tudo bem então, nós iremos.

1 Pelo celular, Adriana avisa Jorge e solicita que a pegue na saída do trabalho.

Às 18h30 daquele dia estão presos no trânsito, no meio da Avenida Paulista. Chovia muito, o cansaço batia forte e Jorge tentava desistir.

– Amor, vamos embora. Chegaremos muito tarde na casa dessa mulher.

Adriana estava decidida e sabia que, pela data, não conseguiria outra casa para alugar.

– Jorge, não temos outra opção, ok?

Jorge abaixa a cabeça e concorda. Aos poucos, o trânsito flui e logo chegam na residência.

1 Muros altos, árvores frondosas e um enorme portão de ferro, com um brasão do ano de 1930. Nobreza e classe.

Adriana toca a campainha e logo a voz rouca responde:

– Adriana?

– Sim, sou eu, Dona Rosa.

– Um momento.

O portão abre-se lentamente, ouve-se somente o som do motor. Dois enormes cachorros esperam do lado de dentro. A senhora acena da varanda e faz sinal para o casal entrar.

Jorge estava paralisado por causa dos cães, Dona Rosa percebe e dá uma ordem.

– Vêm bebês!

Os cães saem em disparada e sentam ao seu lado. A cena é bonita, pois esses animais são realmente belos companheiros e nada temem para proteger seus donos.

Eles se cumprimentam e ela os convida a entrar.

Móveis clássicos, cortinas velhas e um leve aroma de casa de vó, uma mistura de madeira e saudade.

Dona Rosa, muito educada e preocupada, adianta o assunto.

– Minha filha. Vejo que você é uma pessoa do bem e não quero te decepcionar, logo vou direto ao assunto. Aquela casa é linda, um sonho, mas tem algo estranho que ronda o local, dizem que é mal assombrada. Choro, risos, barulhos, etc. Se ainda assim você quiser, fechamos o negócio.

1 Jorge nem piscava. Adriana estava confusa e não sabia o que dizer. Dona Rosa percebe a situação e diz:

– Queridos, vão e pensem. Deem a resposta amanhã.

Sem jeito e sem falar nada os dois se levantam, agradecem e saem com medo, muito medo.

O portão abre-se, os cães esperam pacientemente a saída do casal, sem darem um único latido.

Ao chegarem na calçada Jorge desabafa:

– Amor, isso realmente aconteceu?

Adriana dá risada e não diz nada.

No caminho, Jorge apavorado, tenta dizer algo, mas cada frase de acalanto, de desabafo, era uma gargalhada da Dri, ela simplesmente não acreditava no que tinha ouvido daquela senhora e, literalmente, ria para não chorar. Surtou geral.

E assim foi até chegarem em casa. Para sorte ou azar deles, Ricardo, Meire, Luana e Renan tinham comprado pizza, a fim de jantarem juntos, assim poderiam conversar sobre a viagem.

1 Mas a Internet é rápida e eles mal abrem a porta e começa a

gritaria, Raian é o primeiro.

2 O Susto da Galera

– Pai, a casa é “zuada”, assombrada.

A Tifani emenda.

– “Tô” fora.

Estefani tenta falar tudo que leu, numa tentativa de sair dessa roubada.

Ricardo, Meire e as crianças não entendem nada.

Adriana dá uma ordem.

– Silêncioooooooooo! –

E continua. – Já sabemos, a própria Dona nos contou.

Raian, Ti e Estefani abrem a boca, perplexos. Confusos e intrigados pelo fato de talvez irem para aquele local “estranho”.

Ricardo, o mais sensato e religioso, tranquiliza todos com uma única frase.

– Pessoal, a pizza está esfriando!

Ânimos acalmados, todos sentados, menos Ricardo, que estava na cozinha procurando não sei o que, Adriana conta tudo. Jorge nem

tocou na pizza, as crianças contavam tudo que leram na Net, Meire estava preocupada, mas não com medo.

Após o susto Adriana arrisca a pergunta.

– E aí Meire? Vamos ou não?

– Sei lá, Dri. Vou falar com o Ri.

Ela levanta-se e chama pelo marido.

– **Riiiiii!** Nós vamos?

2 – Se tem banheiro e onda eu “tô” dentro.

Adriana já sabia a resposta, sorri e

diz:

– Ah! Meire, esse aí vai até pra lua se tiver onda. Pra ele tudo está sempre bem.

Ninguém tinha tocado na pizza, Ricardo senta-se e começa a comer sem preocupação alguma. Todos olham e ele sem entender nada pergunta:

– Tudo bem?

Meire retruca.

–Tudo bem nada, estamos preocupados.

Ele não se abala.

– Seguinte: eu não sofro por antecipação, acredito em Deus e não em fantasmas e...essa pizza está muito boa.

Adriana sorri, abaixa a cabeça e calmamente toma a palavra.

– Seguinte pessoal, se o Ri garante nós vamos.

Conflito geral de novo na mesa. Desespero, a Estefani era a mais agitada.

Ricardo dirigiu-se a Estefani.

– Estefani. Alguma vez eu te deixei na mão?

A galera não aguenta e explode em risos. Por várias vezes Ricardo a esquecia no colégio.

Ela cruza os braços e diz:

– Várias “né”?

Ricardo tenta justificar-se.

– Não, não. Estou falando em relação a fantasma, tipo você ver um e eu te deixar no vácuo?

2 – Claro que não. Eu nunca vi nenhum.

Ricardo aproveita a deixa e diz.

– Então você nunca viu um fantasma, sei, sei. Mais alguém

nessa mesa também nunca viu fantasma? –Ok, ok. Então vamos à lógica. Deixaremos de ir a um local maravilhoso por algo que nunca vimos? É isso?

O argumento foi bom e ele consegue “apertar sem abraçar”.

Adriana e Meire se olham e não tem jeito.

As duas falam ao mesmo tempo.

– Vamos!

Somente um “Uh! Uh!” de comemoração.

Além de Ricardo, ninguém comeu a pizza.

Para tranquilizá-los ele diz:

- Pessoal, se acontecer algo, voltamos no mesmo dia, beleza?

Como quem cala consente, fechado. Ricardo pega o telefone e solicita o número da Dona Rosa.

– Alô! Dona Rosa? Aqui é o Ricardo, primo da Adriana. Gostaríamos de alugar a casa.

2 Dona Rosa, muito educada, responde.

– Tudo bem meu filho, deposite o

valor na minha conta ou traga um cheque, depois pegue as chaves comigo.

– Ok, Dona Rosa, passo aí amanhã com o cheque. Boa noite.

– Boa noite.

No dia seguinte, Ricardo passa na casa de Dona Rosa na hora do almoço e algo inusitado acontece.

Ao abrir o portão, os cães olham para Ricardo e começam a brincar, ele, sem medo, retribui os carinhos, passa a mão, coça a barriga deles e assobia.

Dona Rosa, de longe se surpreende,

pois nunca ninguém havia feito aquilo, os cães não permitiriam.

– Oi Dona Rosa.

– Oi Ricardo, vamos entrar.

Os dois acertam os detalhes, assinam o contrato, chaves, etc. A velha senhora confere

o cheque . Banco BDCx, número 1A79C-787E. **2** Tudo certo.

Ao sair, Dona Rosa lhe faz uma pergunta.

– Filho, você não tem medo dos cães?

– Não senhora.

– Estranho, muito estranho. Eles são treinados para não fazerem isso.

Ricardo olha com humildade e responde:

– Dona Rosa, o ódio e a raiva podem ser treinados, mas o amor é nato.

2 Ela abaixa a cabeça, pensa um pouco, e diz:

– Se esses cães conseguem ver algo diferente em você, é porque você também pode ver algo diferente neles. Você é diferente, querido.

– Talvez seja isso, Dona Rosa, talvez.

Ele sai com os cães brincando ao seu redor, sem medo.

Dona Rosa apenas olha e pensa:

“Rapaz estranho, muito estranho”.

3 A Casa

- Cara, isso aqui é demais !



3 A frase era do Ricardo, que desceu do carro e apreciava o visual magnífico do local. Podia-se ver o mar, o horizonte e a praia logo abaixo, à direita. As linhas das ondas nascendo e transformando-se em plumas brancas. Gaivotas voavam muito próximas, tão alto era o morro da Mansão dos Nobres.

Jorge, Adriana e Meire desceram meio desconfiados e as crianças fingiam dormir, a fim de prolongar o máximo a entrada na "casa do terror".

Um senhor humilde e de sotaque mineiro aproxima-se e apresenta-se:

– *Dia gente. Meu nome é Joaquim e cuido da casa, caso precisem de “arguma” coisa, eu e minha “veia” “moramu” ali “pertim.*

Ele aponta para uma casa pequena, próxima ao local onde estavam.

Jorge faz um sinal para Adriana, Ricardo percebe e chama o seu Joaquim para conversar.

– Seu Joaquim, vamos ali para o Senhor mostrar-me o quintal.

Os dois entram pelo portão e Ricardo é direto.

– E aí seu Joaquim, essa casa é assombrada?

3 – Óia, fio, ninguém passa mais de 3 dias. Na primeira noite o “pessoar” ouve coisas, na segunda todo mundo “tá” arrepiado, e quem fica pra terceira sai de madrugada. Num “tô” pondo medo não, é que é sempre assim, desde muito tempo. E como o “sinhô” tem criança, acho melhor avisar, “né”?

Ricardo agradece e volta em direção aos carros.

Adriana já questiona:

– E aí?

Ricardo explica:

– Ele disse que tudo bem,

superseguro, pra gente não se preocupar com nada.

A Meire percebe a roubada.

– Amor, eu sei que ele **NÃO** falou isso, mas eu prefiro não saber o que ele disse, logo, eu sugiro que você durma com as crianças, até segunda ordem, ok?

3 Meio a contragosto, ele aceita.

Desamarraram as pranchas, liberaram a carreta das motos e retiraram as malas.

As crianças reclamavam, mas já era tarde.

A casa era linda, bem conservada e com muitas plantas. Havia um arbusto cheio de flores logo na entrada, pareciam margaridas, porém eram amarelas e exalavam um cheiro adocicado, muito gostoso. Todos pararam para apreciar.

Ao abrirem a porta, tiveram uma surpresa, a sala era enorme e muito iluminada, janelas amplas permitiam apreciar o mar sem limites, um sonho.

3 Toda movimentação foi acompanhada por um par de olhos verdes, no alto de um patamar que dava acesso ao solarium.



Ninguém percebeu, mas eles

estavam lá,



4 A PRIMEIRA NOITE



"SAIAM DA MINHA CASA!"

4 Todos estavam muito cansados por causa da viagem e logo após o jantar foram para os quartos. As crianças decidiram dormir juntas, juntas mesmo, uniram duas camas, encheram de edredons e sumiram lá dentro, as cinco não saiam de jeito nenhum.

Era relativamente cedo e todos estavam com pouco sono e muito medo, uma combinação perigosa. Visto que cada um contava uma história diferente (e de terror) daquela casa. Quanto menos sono, mais histórias, quanto mais histórias, mais medo. Ricardo ria o tempo

todo.

Brincadeiras pra lá, brincadeiras pra cá e de repente, um vulto passa pelo corredor em direção à cozinha.

Ricardo, Estefani, Renan e Tifani viram e aí começou o “auê”.

– Calma pessoal! É a Meire que foi tomar água. – Ricardo falou firme e continuou.

– Vou me enrolar nesse lençol e assustá-la.

Estefani com voz trêmula tentava falar:

– Tio Ri car cardo... Na na não era a

tia Meire.

4 Ricardo levanta-se, pega um lençol e vai brincar. Ele caminha vagarosamente pelo corredor, percebe uma pessoa na cozinha, mas como estava escuro ele não consegue enxergar direito, então ele cobre o rosto e caminha em direção da “Meire”, ao chegar perto ele levanta o lençol e:

– **BUUUUuuuu!**

Surpresos com o que viram, ambos gritam:

Ele: – Quem é você?

Ela: – **AHHHHHHH!**

No quarto, as meninas gritaram de medo, Renan e Raian atiram com as armas de brinquedos de paintball para todos os lados, a fim de manchar o fantasma com tinta e depois segui-lo.

Jorge: – Misericórdia! Eu ouvi um grito de mulher.

Adriana: – “Putz!” E agora?

4 Meire estava lendo uma revista, respira fundo e pensa.

– Era bom demais para ser verdade.

Seu Joaquim de longe ouve os gritos, abaixa e balança a cabeça.

Meire e Adriana vão para a cozinha, acendem a luz e veem o Ricardo procurando algo. Aos poucos chegam as crianças e o Jorge.

Perguntas:

Meire: – O que houve?

Ricardo: – Tinha uma moça aqui e ela sumiu.

Estefani:– Eu falei, eu disse. Eu ouvi um grito.

Adriana: – Como assim, sumiu?

Ricardo conta o que aconteceu e todos olham para Jorge, que mirava fixo uma caixa de cereais em cima da mesa.

Adriana: – Jorge, o que foi?

Jorge: – E se ela for uma “cereal killer”?

4 Sem comentários.

Nesse breve intervalo, Ricardo, Estefani e Renan ouvem um sussurro no solarium, como se alguém estivesse chorando.

Ricardo resolve subir e conferir. Meire não concorda. Todos queriam

sair da casa o mais rápido possível.
Mas Adriana lembra um fato.

– Pessoal. Quem abriu a porta do solarium?

E uma dúvida paira na cabeça de todos.

4 Se a porta estava trancada, como poderia haver alguém lá?

Pela primeira vez, Ricardo concorda com o pessoal que era arriscado permanecer ali. Alguém poderia ter as cópias das chaves e...

É ele quem dá ordem:

– Vamos arrumar as malas!

Ao passar pela escada que dava acesso ao solarium, ele ouve uma voz feminina:

– Por favor, não vá.

Preocupado e com medo ele, chama o Jorge e a Meire.

4 – Vou subir até ali e conversar com essa moça, se sairmos agora podemos ser assaltados, tudo isso pode ser armação. Vou negociar.

Jorge concorda.

Ele sobe, abre lentamente a porta e vê uma moça sentada no beiral. Não perde tempo.

– Olha moça, se você quer dinheiro tudo bem. Tem crianças na casa, vamos resolver isso numa boa.

Ela não responde.

Jorge, atrás da porta pergunta:

– E aí?

Ricardo levanta os ombros e diz:

– Sei lá, ela não responde, parece que está drogada.

Nesse momento ela fala.

**– NÃO ESTOU DROGADA.
VENHA AQUI, POR FAVOR.**

4 Ele acena para o Jorge dar um

tempo e caminha até o local.

Ela vira o rosto e diz:

– **PODE ME VER?**

Sem entender a pergunta ele responde.

– Sim, claro. Por quê?

Ela explica, calmamente:

– **EU SÓ VEJO EM TONS DE GINZA, POUCOS METROS A FRENTE E SOMENTE ALGUNS CÔMODOS DA CASA. AS PESSOAS PARA MIM SÃO VULTOS, MENOS VOCÊ. PELA PRIMEIRA VEZ EU CONSEGUI VER**

OS OLHOS DE ALGUÉM. PODERIA ME EXPLICAR?

4 Ricardo percebe que ela não está bem, e tenta amenizar a situação.

Enquanto fala, uma aranha caminha na direção da perna da moça, antes que pudesse alertá-la, o inseto atravessa-lhe o corpo.



Assustado, ele desconversa e sai apressado, abre a porta e, suando frio, começa a explicação para Jorge e Meire:

– Vamos embora, eu vi a aranha entre as pernas da moça, quer dizer passar por entre ela, a moça não é moça.

Meire ficou furiosa e falou:

4 – Que história é essa de aranha na perna da moça? Ou você explica ou está encrencado.

Mais calmo, ele conta tudo em

detalhes. Meire não acredita e diz:

– Vamos lá.

Ricardo ainda tenta convencê-la do contrário. Ela o abraça e juntos vão ao solarium, ela pergunta:

– Onde está a moça?

Ricardo aponta para o beiral. Meire nervosa fala:

– Que palhaçada é essa? Deu pra brincar?

A moça de longe explica:

- ELA NÃO PODE ME VER.

Ricardo replica a informação.

Meire, já fula da vida pede a ele que a descreva.

– Ela é loira acobreada, olhos verdes, pele bronzeada e...

4 Meire quase tem um treco.

– O que? Eu peço para você me descrever um fantasma e você descreve a namoradinha de um surfista.

Inicia-se a discussão:

**– EU NÃO SOU FANTASMA
E A SUA ESPOSA ESTÁ MUITO
IRRITADA. MUITA CHATA.**

4 Ricardo: – A moça disse que

você é legal.

Meire: – Um fantasma que se preze é “zóiudo”, descabelado e remelento.

**- ELA É CHATA , IRRITADA
E EU ESTOU FICANDO NERVOSA.**

Ricardo: – Ela disse que se nós a ajudarmos não assusta mais ninguém.

**- EU NÃO DISSE ISSO E
SAIAM DA MINHA CASA.**

Meire: – Prove.

4 A moça sai de perto do

Ricardo, caminha até a porta e faz um **"BUUUU"** bem na frente do Jorge, que ouvia toda "discussão". Esse desce as escadas gritando:

- Misericórdia, eu vi e ouvi, eu vi e ouvi o fantasma..... socorro!



Ricardo: – E agora? Acredita?

Meire, meio inconformada, aceita os fatos e concorda, com a condição dela ficar no solarium.

Meire: – Tudo bem. Legal. Acredito.

– Estou descendo e fique longe da “fantasminha-legal”.



- EU NÃO SOU
FANTASMINHA-LEGAL
E ELA É UMA GROSSA.

4 Ricardo estava mais calmo e pergunta como ela sabia que a Meire era sua esposa, como conseguiu ouvi-la e como conseguiu assustar o Jorge,

Ela diz (meio confusa): – Sei lá, sempre foi assim, deduzi sobre ela ser a sua esposa e quando alguém está com raiva ou medo consigo ouvir, fico andando pela casa, aí encontro um vulto com medo e fico brincando de assustá-lo. Não sei explicar direito.

Ele tenta compreender.

-Você não vê as pessoas?

- NÃO,

4 Sua resposta parece confundir também.

Visivelmente triste e abalada, ela lhe faz um pedido.

- POSSO VER OS SEUS OLHOS?



Sem entender ele concorda e aproxima seu rosto ao dela.

A moça vê somente um vulto de rosto desconhecido, mas os olhos

são tão nítidos que seu brilho arranca-lhe uma lágrima. Havia muito tempo que ela não via o olhar de outra pessoa, muito tempo.

Emocionado, Ricardo abaixa a cabeça e diz:

– Amanhã faremos a oração semanal, se quiser pode comparecer, farei um pedido por você.

Ela simplesmente balança a cabeça, em sinal positivo.

5 A Oração

Semanal

Na manhã seguinte e após o susto, todos se reuniram na sala, sentados à mesa. Eles aguardavam a chegada de Ricardo. Sabiam que deveriam orar.

Ricardo desce as escadas, caminha até a sala e se junta aos demais.

Em seguida, Renan levanta-se com o Evangelho nos braços, senta-se no colo de Ricardo, abre o livro e aguarda em silêncio a voz do pai.

Enquanto Ricardo lê o Evangelho, todos permanecem de olhos fechados e cabeça baixa, ele

percebe que a moça está de pé, atrás de Raian, ouvindo e vendo tudo com muita atenção.

5 Como de costume, Renan encerra a oração como o Pai Nosso e Ricardo faz o pedido:

– Senhor, agradecemos esse dia e louvamos o vosso nome, peço-lhe humildemente que ajude uma pessoa que muito precisa da vossa luz.

Nesse momento a moça percebe uma luz azulada pairando sobre a mesa, ela que há muito tempo só enxergava em tons de cinza, emociona-se com a cor e o brilho

prateado. A luz percorre a mesa, passando na frente de todos, sobe na altura da cabeça da moça e recai sobre a mesma. Ricardo não viu a luz, mas percebeu que algo havia acontecido, pois a moça estava chorando e tentando abafar qualquer som com as mãos. Nariz e boca tampados, olhos lacrimejando, ela sobe para o solarium.

Após a oração todos estavam mais calmos. Ricardo avisa que o melhor a fazer é não entrar em desespero, as crianças concordaram, estavam mais tranquilas.

Ele avisa Meire que havia esquecido

de trancar a porta do solarium e ela faz um pedido.

–Tudo bem. Vá trancar e fique longe da “fastaminha-legal”.

Ele sorri, dá um suave beijo nos seus lábios, nas crianças e sobe.

5 Ao fechar a porta ele ouve:

– Por favor, pode vir aqui? Quero te agradecer.

Sem entender nada, ele vai em sua direção.

A moça estava sentada no beiral como de costume, mas olhava o

infinito. Sem virar o rosto ela diz:

– Não sei quem você é. Não sei o que era aquela luz. Sei apenas que agora posso ver e sinto muita paz em meu ser. Nunca rezei em minha vida, meus pais eram ateus. Nunca me preocupei com nada. Mas vejo que as coisas são bem diferentes do que imaginei. Não sinto mais vontade de assustar ninguém.

5 Ricardo interrompe. – Olha moça...eu.

Ela o interrompe e continua.

- MEU NOME É MATRÍCIA,
recobrei parte da minha memória,

frequentei esse local com amigos, vivíamos do bom e do melhor, lembro-me de algumas cenas de festas. Recordo-me que ao precisar de algum dinheiro rápido, entrava nas casas e cometia pequenos furtos.



Ela faz um pedido.

– Por favor, ensina-me uma oração, como ensinou a seu filho.

Ricardo então se lembra de uma oração simples, porém muita bonita.

– Matrícia, vou lhe ensinar uma oração de duas palavras, mas para ter efeito ela deve ser dita não com os lábios, deve sair do coração.

5 Curiosa ela indaga.

– Duas palavras? Tão simples assim? Jamais esquecerei. Quais são?

Ricardo aponta para o coração de Matrícia e diz como ela deve orar.

– Obrigada Senhor.

Ela compreende perfeitamente a força dessa oração e sorri em agradecimento.

Ele despede-se em silêncio.

5 Matrícia encosta a cabeça na parede e aprecia a paisagem.

Enquanto uma suave brisa acariciava-lhe o rosto, ela fechou os olhos, fez a única oração que sabia e adormeceu profundamente, como há muito não fazia.

“Obrigada Senhor....”



6 Mar

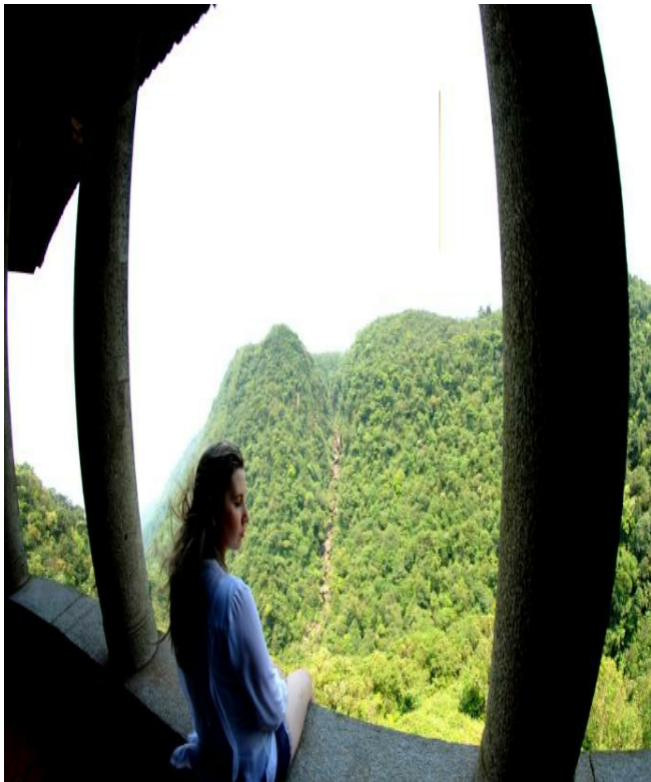
Era uma linda manhã de verão, céu azul e boas ondas.



Matrícia despertou com a algazarra dos pássaros, o barulho do mar, das ondas e pela primeira vez pode contemplar o nascer do sol. A emoção foi tamanha que ela abriu os braços, respirou fundo e repetiu a oração que aprendera.

6 Do alto ela observava as crianças andando no quintal, os rapazes arrumando as motos e

podia sentir, sem explicação, o aroma de café fresco.



Tudo aquilo a fazia sentir-se feliz,

algo estava acontecendo na sua vida. Finalmente.

Lá embaixo, Ricardo tentava ligar uma das motos, que estava com problemas. Jorge o ajudava, olhava e nada.

6 De repente, Renan sai da casa com sua prancha e avisa que iria surfar. Normalmente, Ricardo jamais o deixaria ir sozinho, mas o mar calmo e a entrada pela trilha das pedras não apresentava risco, ele pede que ele use a camiseta-colete, uma roupa que ajudava o surfista a não afundar.

Renan sai correndo gritando:

- Vamos lá, pessoal.

Ricardo conversa com Jorge sobre a possibilidade de verificarem a moto mais tarde e aproveitarem o mar pela manhã. Enquanto estavam conversando, Matrícia observa Renan no mar, quando algo lhe chamou a atenção, uma súbita mudança no vento anunciava a chegada do inusitado.

6 Olhou para o horizonte e viu ondas enormes na direção das pedras, aquilo não era normal. Assustada ela percebeu que Renan já havia notado o perigo, ele remava forte em direção das ondas, a fim

de transpô-las antes que quebrassem, o monstro foi mais rápido e estourou bem na frente do menino que mergulhou rápido.

Mesmo assim o pior aconteceu, a cordinha da prancha arrebentou e Matrícia viu a prancha ser levada enquanto Renan lutava com as montanhas brancas.

Num ato de desespero Matrícia gritou para Ricardo:

– RICARDO! O Renan no mar.



Ela aponta na direção do perigo.

Ricardo olhou para Matrícia no alto do solarium, pegou uma prancha que estava apoiada na parede e saiu correndo.

Jorge não entendeu nada e começou a gritar:

– Hei! O que aconteceu cara? (ele grita) **Meire, Adriana.**

6 Meire sentiu o perigo, foi ao quintal e imediatamente subiu no solarium. Do alto ela tinha uma visão aterrorizante, uma criança lutando contra as ondas e um surfista aproximando-se, ela não perde tempo:

– Jorge, pegue a outra moto e peça ajuda aos bombeiros. Fale com o Cristiano, o nosso amigo.

Em minutos, a moto está no posto e

Cristiano aciona a sirene de socorro. Meire, Adriana e as meninas entram no carro e vão à praia.

Os banhistas retiram-se da água, pois as ondas realmente estavam perigosas. Todos observavam a luta do jet ski dos bombeiros para atravessar a arrebentação. Impossível.

Cristiano vira o Jet para a foz de um rio, que desaguava na praia e acelera. Em seu pensamento, ele pede ao amigo que reme naquela direção.

6 Ricardo alcança Renan, que já

estava exausto e sem forças, coloca-o sobre a prancha e rema forte contra as enormes paredes. Uma onda começa a nascer e Ricardo literalmente reza e pede a Deus que a segure, as pessoas na praia veem a prancha subir aquela montanha verde, Ricardo grita e rema com toda força, a prancha sobe, por instantes fica no ar e cai atrás da onda. O comandante que acompanhava a operação de salvamento imediatamente passa o rádio para a equipe de mar.

– Vai, Vai, passaram, tirem eles de lá.

O jet ski aproxima-se, Ricardo prepara Renan que já estava inconsciente. Com movimentos rápidos e com a ajuda do bombeiro da maca flutuante, eles conseguem colocar o menino em segurança.

Cristiano pergunta: – Você não vem?

Ricardo responde sem hesitar.

- Mais leve, mais rápido, tire-o daqui.



6 Responde e sai remando para o alto mar, lá ele poderia recuperar as forças e retornar. Cristiano sabia que Ricardo estava certo, acelera o Jet ao máximo.

Uma ambulância aguardava na praia.

Recuperado, e preocupado com o filho, ele abaixa a cabeça e agradece ao Pai. Em seguida, rema e entra numa onda gigante, as pessoas na praia ficam impressionadas.

Ao chegar na areia ele ainda consegue arrancar um comentário de uma mulher:

– Ai ai! Queria ser a cordinha dessa prancha.

Sem entender o comentário, ele apenas olha e sai correndo na direção do posto.

Ele procura por Cristiano e ao

encontrá-lo diz:

– Muito obrigado. A você e ao seu amigo. Salvaram as nossas vidas. Mas que ondas são essas?



6 Cristiano explica: - Não sabemos, elas surgem do nada, são enormes e do mesmo modo que aparecem, somem. Sei lá, efeito estufa talvez.

Ele continua a falar. – O Jorge deixou a moto aqui e foi na ambulância. A Meire, a Adriana e as crianças foram de carro para o hospital.

– Você está bem?

– Estou sim, vou ao hospital.

Responde Ricardo, que coloca o capacete, liga a moto e sai.

6 Ao chegar ao local, ele

encontra com a esposa sentada numa cadeira branca, Adriana acariciando seus cabelos, Jorge olhando o teto e as crianças abraçadas.

Meire pergunta o que houve e Ricardo conta em detalhes tudo o que aconteceu, ela chora e aguarda notícias do médico.

Finalmente aparece Dr. Mário para tranquilizar a todos.

– Ele está bem e fora de risco, demos um sedativo e ficará em observação essa noite. Um de vocês poderá ficar. Nesse momento ele está acordado.

Meire pede para vê-lo e é atendida.

Ao entrar no quarto, ela percebe que Renan está sonolento, ainda assim ele quer saber o que houve. Meire conta tudo sem rodeios e ele fala:

– Mamãe. Chama o papai aqui.

Ela sai do quarto e Ricardo entra, passa a mão no seu rosto e é o menino quebra o silêncio:

– Pai. É verdade que foi a “fantasminha-legal” quem te avisou?

– Sim filho, é verdade.

Com o sono ganhando, ele tenta

completar a frase.

– Ah! Diz para ela que ela....Ela...é
...Mui...

6 Ao sair do quarto, eles combinam que seria melhor a Meire passar a noite. Adriana ficaria até a sua volta. O Jorge faria o transporte e Ricardo cuidaria do jantar e das crianças.

Ao chegarem em casa todos sentam no sofá, menos Ricardo que vai direto para o solarium e lá encontra-se com Matrícia.

Matrícia é a primeira a falar:

– Como ele está?

Ricardo responde com a voz cansada.

– Ele está bem, ficará essa noite em observação. Muito obrigado Matrícia e se eu conheço a minha família todos virão aqui.

Ele mal acaba de falar e ouvem-se passinhos na escada.

– Tio Ri. Posso ir aí?

Era Raian, todo tímido.

– Pode sim Raian.

6 Ele aproxima-se delicadamente e pergunta: – Ela está aqui?

– Sim está.

– Moça, eu queria te agradecer por ajudar a salvar a vida do meu amigo, “tá”?

Ele põe a mãozinha na boca, manda um beijo e completa.

– Eu não tenho mais medo de você, mas não precisa aparecer pra mim não, “tá”?

Ele sai de fininho olhando para trás. Enquanto Matrícia sorri docemente.

Em seguida, vem as meninas e o Jorge. Todos agradecem e saem. Finalmente, aparece a Meire, chorando, emocionada e segurando as mangas da blusa com os dedos

ela tenta falar:

– Moça, quero dizer, Matrícia, eu queria (ela vira rosto para os lados) ..eu queria te agradecer, não sei como fazer isso nesse tipo de situação. Então só me resta pedir para que Deus a abençoe.

Ricardo a abraça e ela sai, a fim de preparar-se para a noite no hospital.

6 Ricardo olha para trás e acena para Matrícia. Ela aponta o próprio coração e coloca as mãos em posição de oração. Ele sabia o que aquilo queria dizer.

Por muitos anos Matrícia fora

amaldiçoada por aqueles que ela assustava, e assim quanto mais ela assustava, mais permanecia na condição de “fantasma”.

Agora era diferente, pela primeira vez uma pessoa pediu para que Deus a abençoasse. Isso faria toda a diferença em sua vida.

7 Depois do Susto

Renan e Meire chegaram cedo na mansão, ambos cansados depois de uma noite mal dormida.

Ricardo abre o portão, o carro entra e eles se abraçam, em seguida chegam as crianças, o Jorge e a Dri.

Renan, abraçado ao pai, pede uma explicação:

– Pai, conta tudo.

Enquanto Ricardo conta, sem alterar os fatos, os dois caminham em direção à porta, ao chegarem na entrada, o menino para, abaixa-se e

pega a flor amarela de aroma doce, em seguida faz um pedido.

– Pai, posso falar com ela ?

– Claro filho, vamos lá.

7 Ninguém questiona.

Sobem as escadas lentamente; Matrícia já os aguardava. Renan então pergunta.

– Pai, ela está aqui?

– Sim, na sua frente.

Matrícia segura as próprias mãos e aguarda.

Renan abaixa a cabeça e agradece.

– Matrícia, meu pai disse que foi você quem deu o alerta. Eu quero te agradecer. Olha, peguei essa flor pra você.



Sem saber como “dar” a flor ele olha para o pai e esse lhe ajuda.

- Coloque-a em cima do beiral.

7 O menino obedece, dá um beijo na flor e desce as escadas.

Matrícia aproxima-se do presente, sente uma vontade enorme de pegar e sentir aquele “beijo”.

Ricardo observa em silêncio e pode ver uma cena incrível. Conforme Matrícia aproximava sua mão direita da flor, essa parecia mover-se e em dado momento a jovem consegue pegar algo como se fosse a energia

da planta, no mesmo formato, mas translúcida. Ela fica extasiada e a coloca próximo ao rosto.

Ricardo pergunta curioso:

– Consegue senti-la?

– Sim, sinto o aroma e a textura. Meu Deus!

Por alguns segundos, uma lágrima lhe escapa dos olhos. Ricardo questiona se está tudo bem, ela conta o que sentiu:

– Ao fechar os olhos, sentindo esse aroma, vi cenas confusas, mas uma delas não sai da minha mente. Um

cesto, um bebê, um bilhete e uma flor.

Ambos ficam confusos.

8 Aproxima-se o Natal

Amor, não esqueça de comprar e enviar os cartões de Natal para sua mãe, minha mãe e a Dona Lucy.

Meire lembrava o marido das prioridades do dia, como ir ao mercado e passar nos Correios.

Todos estavam se divertindo na piscina e Ricardo resolve ir sozinho à cidade. Despede-se e sai.

Ao chegar no mercado, encontra o amigo e bombeiro Cristiano, que diz:

– E aí, cara! Que susto.

8 Ricardo sorri e o abraça.

Ambos nunca tinham visto ondas tão grandes naquela região. Entre um assunto e outro Cristiano se abre com o amigo sobre um assunto que o afligia há algum tempo.

– Sabe, Ricardo, estou triste e preocupado. O orfanato da Dona Celina está em área de risco e não consigo encontrar um local seguro para as 32 crianças.

Ninguém sabia ao certo a data em que o orfanato fora criado. Na realidade ele sempre existiu, desde muito nova Dona Celina amparava os mais necessitados em sua casa e assim foi...

Ricardo conhecia o trabalho da Dona Celina, sabia que a idade agora pesava e que ela não vinha passando bem. Sem saber o que dizer ao amigo ele fala:

– Cristiano, Deus é bom e jamais deixa de ajudar um justo. Farei uma oração por ela.

Cristiano agradece e eles se despendem.

8 Antes de entrar nos Correios Ricardo abaixa a cabeça e pensa:

"Senhor, ajude a Dona Celina e se eu for digno, usa-me para o seu propósito".

Sobe as escadas, entra na fila e aguarda a sua vez. Ao comprar os cartões a moça do caixa informa se ele não desejaria levar um pacote com quatro cartões, compre três e ganhe um grátis. Ele concorda e vai ao balcão, a fim de preenchê-los. Ao finalizar o último, uma menina aparentando dez anos aproxima-se e pede um favor:

– Moço, moço. Pode preencher um cartão pra mim?

Ele acha estranho e pergunta:

– Você está sozinha? Tem o cartão?

Ela reitera o pedido.

– Não estou sozinha, apenas quero fazer uma surpresa pro meu pai. Você tem um cartão a mais?

8 Ricardo pensa um pouco e concorda. Pergunta o nome, endereço e mensagem. Ela dita em detalhes.

Roberto P. Machado

Rua Tal, número Tal, Bairro Tal,
Cep, SP

“Querido Papai”

Desejo a você e mamãe um Feliz Natal.

Beijo no coração.

Sua filha Ceci. Te amo”

Após anotar, ele tem uma dúvida:

– Ceci, qual o seu endereço aqui?

Ela sorri e diz:

– Estou na casa de amigos e não sei o endereço de lá, pode colocar o seu mesmo, senão o Correio não entrega. Pode fazer esse favor?

Ricardo estava com pressa e resolve atender ao pedido da menina e escreve no verso do cartão: Mansão dos Nobres – Morro do Mirante - Itanhaém. Vai até o local para depositar os cartões e quando vira-se para despedir-se, ela

havia sumido. Ele acha estranho, mas não liga. Afinal, gente sem educação e ingrata está cheio por aí.

8 Enquanto Ricardo voltava para casa, Renan e Raian (agora sem medo) brincavam na casa de esconde-esconde e é Raian quem descobre o “esconderijo”.

Havia um porão, que servia de abrigo para ferramentas de jardim. O pequeno Raian aninhou-se num canto, quando seu ombro encosta na parede de tijolos e um deles cai no chão, revelando uma pequena caixa metálica, toda trabalhada.

Assustado, ele chama todo mundo. Adriana pega o objeto, abre e fica impressionada. Joias, anéis, pulseiras e um colar porta-retratos com a foto de um casal e uma menina.

Jorge dava pulos de alegria.

Até chegar Ricardo.

9 Surpresa

Alegria geral na casa, afinal estavam “milionários”.

Ricardo entra e ouve atentamente a descoberta, pensa um pouco, olha para a caixa aberta e diz:

– Pessoal, isso não nos pertence, se não sabemos quem é o dono, devemos doar. Na cidade, todos falam sobre as chuvas e o risco do orfanato da Dona Celina ceder e ser levado pelo Rio Negro. Por que não vendemos as joias e doamos para a Dona Celina ?

9 Todos permanecem em

silêncio e concordam em ajudar as crianças. Na manhã seguinte, Ricardo levaria as joias para avaliação.

Antes, porém, ele tem uma ideia: mostrar a caixa para Matrícia.

Ao encontrá-la, Matrícia diz não se lembrar de nada sobre o porta-joias.

No dia seguinte, todos acordaram cedo e foram surfar, enquanto isso, longe dali, um homem lia um Cartão de Natal.

Só em sua cobertura ele ajeita o cachimbo, olha a cidade pela janela

e pensa.

Anda de um lado ao outro com o cartão nas mãos, inquieto ele liga seu computador e acessa a Internet. Procura por informações sobre um local, confere o endereço no verso do cartão. Digita, pensa, pesquisa e depois de uma hora toma uma decisão:

9 Aperta um botão na mesa. Uma voz feminina responde:

– Pois não, senhor.

Com o olhar no infinito ele dá uma ordem. – Prepare o helicóptero. Destino: Itanhaém, São Paulo.

Passarei os detalhes ao piloto.

A voz não questiona:

– Sim, senhor.

Final de tarde com sol dourado e boas ondas, todos cansados e felizes, sentados na varanda da casa, eles comentavam sobre como aquele local era bonito.

A conversa é interrompida pelo som forte de um helicóptero sobrevoando a casa, o piloto faz o reconhecimento e pousa a poucos metros da casa, num terreno baldio.

9 O barulho diminui quando o piloto desliga o motor. Em seguida,

um senhor desce e caminha em direção a casa.

Nada fazia sentido. O homem chega ao portão e pede um favor.

– Bom dia, por favor, podem me ajudar?

O Sol estava forte, Ricardo abre o portão e convida-o a entrar. Na sala, Meire oferece uma limonada e inicia-se a conversa. Ricardo pergunta:

– Em que podemos ajudá-lo?

O homem retira um cartão de Natal e diz:

– Preciso saber se esse cartão foi

enviado dessa casa e quem o fez.

Ricardo pega o cartão, confere e reconhece como sendo o cartão da menina dos Correios, um frio percorre-lhe a espinha.

– Senhor, uma menina solicitou-me que escrevesse esse cartão nos Correios, disse que era importante.

O homem procura se conter, suas mãos tremem um pouco e com dificuldade ele retira uma foto do bolso e pergunta:

– Seria essa menina?

9 Ricardo reconhece e diz:

– Sim, é ela e ... (ele interrompe a frase), meu Deus. Ela fugiu de casa? É isso?

O homem coloca as mãos na cabeça e quase não consegue pronunciar a frase:

– Ela morreu afogada nessa praia há mais de trinta anos.

Ricardo fica extasiado, Adriana e Meire pegam a foto e não conseguem segurar a emoção, ambas falam.

– É a menina do porta-retratos.

Ricardo sem entender questiona:

– Que porta-retratos?

O homem sem hesitar descreve:

– Um colar porta-retratos, dentro de um relicário dourado, delicadamente trabalhado e que sumiu, com outras joias, no dia que a minha filha morreu.

Jorge vai até o quarto e traz um pacote.

9 Ricardo pega o volume e entrega ao homem sem dizer nada. Emocionado, ele apenas chora.

A família conta como encontraram a caixa e o que pretendiam fazer. O homem se recompõe e diz:

– Não tenho palavras para agradecer. Conheço a Dona dessa casa há anos e sei que ela jamais faria isso. Acredito que alguém alugou o imóvel e cometeu esse delito. Dona Rosa deixou de frequentar aqui desde o dia que..... (ele para).

Ricardo pergunta:

– Que dia?

O homem tenta ser sutil e desconversa:

– Uma moça faleceu nessa casa, mas eu não sei detalhes, talvez o seu Joaquim possa esclarecer a

vocês. Gostei de saber que essas joias seriam para ajudar o orfanato da Dona Celina. Como está a Dona Rosa?

Ricardo responde:

– Ela está bem, mora numa casa próxima à Paulista.

O homem apenas diz:

– Sei, sei. Bem, já é tarde, preciso ir .

Eles se despendem. O helicóptero levanta voo em direção ao pôr-do-sol.

9 Intrigado, Ricardo vai até a

casa do seu Joaquim, a fim de verificar algumas informações.

Olá seu Joaquim, tudo bem?

Ele responde animado:

– *Tudo “bão” “fio”. O “qui” manda?*

– Senhor Joaquim, por favor, o senhor lembra algo sobre a morte de uma jovem nessa casa?

Desconfiado, ele diz (com sotaque arrastado):

– *“Óia fio, eu “ivito” fala nisso, mas “prucê eu falo. Já “fai”z muito tempo. Essa casa era frequentada por um grupo de jovens, eles*

“vinha” sempre. “Fazia” festas e “baruio”. Depois de um tempo eles sumiram, só ficou uma moça loira-ruiva, morando sozinha. Só vinha um moço “visitá” ela nos “finars” de semana, ele trazia de tudo , tinha um carro importado,branco e sem capota, “bunito” que só vendo. Ficou assim uns dois anos até ...(ele engasga).Uma noite a minha veia ouviu um bebê chorando, e depois ouviu mais “arguma” “veiz”, mas um dia eu fui limpar o jardim da casa e senti um cheiro “horríver” , chamei , chamei e chamei. Sem “artenativa pensei o “pio” e telefonei para a polícia. Quando eles

“intraram” na casa, “incontraram” a moça deitada na cama, com uma “buneca” nos braços, um bilhete e “muitos remédio” do lado dela. Ela ‘si matou.”

Confuso, Ricardo questiona:

– E o bebê?

Seu Joaquim responde seco.

– *“Num sei não sinhô”.*

10 Tempestade

Aquele dia foi marcado por muitos acontecimentos importantes. Chovia forte à noite, ventos e granizo

assustavam as crianças, que resolveram ir para o quarto quando acabou a energia elétrica.

Todos se recolheram mais cedo. Ricardo, deitado em sua cama, ouvia os trovões e pensava em tudo, tentando encaixar as peças, mas faltava uma peça-chave...um bebê, que poderia desvendar o que realmente acontecera com Matrícia.

10 Ele tinha algumas suspeitas, mas achou melhor não comentar com ela, não naquele momento.

Pela manhã, Ricardo abriu as portas

e viu um lindo dia, folhas e galhos espalhados pelo terreno dariam muito trabalho ao Sr. Joaquim.

A virada do ano aproximava-se e com ele muitos e muitos carros. Do alto do mirante era possível observar a estrada congestionada e o poderoso Rio Negro, que agora estava cheio de vida e energia; gordo e sem educação, ele avançava em tudo e em todos. E colocava o Orfanato em delicada situação.

Já passavam das dez horas da manhã quando o som ensurdecedor

de um helicóptero rasgou o céu a baixa altitude, era o Sr. Roberto que, por alguma razão, resolvera voltar. Pousou e dirigiu-se à Mansão.

10 Com sorriso no rosto ele cumprimentou Ricardo e logo todos se aproximaram, curiosos.

– Bom dia, pessoal. – E continuou. Talvez não saibam ou tenham ideia da alegria que me proporcionaram, então, como forma de retribuir, tomei a liberdade de comprar a Mansão dos Nobres e doá-la ao Orfanato, aqui está o documento, basta a proprietária do Orfanato

assinar essa linha e as crianças terão um novo lar. Alguma dúvida?

Ricardo nem leu o papel, pegou imediatamente o celular e ligou para o Cristiano.

– Alô, Cristiano? Você não vai acreditar, a Dona Celina acabou de ganhar uma casa nova.

– Como assim, não estou entendendo. Pode repetir?

E Cristiano explica a situação:

– Ricardo, a forte chuva de ontem nos obrigou a retirar todos do Orfanato, menos Dona Celina, que

está de cama com um médico ao seu lado. Ela não... ela não vai...o médico achou melhor deixá-la descansar aqui mesmo.

10 Ricardo desespera-se.

– Espere, que papo é esse cara? Ela só tem que assinar um papel. Não, não pode ser...

Pela primeira vez a galera vê Ricardo chorar por não saber o que fazer.

– Pessoal, a Dona Celina está...está...deixando a gente. Sr. Roberto, existe outra opção?

– O documento foi preparado para ela, eu teria que refazer, levaria algum tempo.

Ricardo pensa nas crianças, olha a estrada congestionada, o Rio transbordando e nenhuma ideia surge, ninguém sabia o que fazer, menos o Raian:

– Tio, tio. Por que você não sobe no helicóptero e pousa na praia?

10 Silêncio geral. A ideia era maluca, mas fazia sentido. Sr. Roberto dá uma deixa:

– Na praia eu não posso pousar, (ele olha para as pranchas e

continua), mas você pode “pousar” na água.

Ricardo não perde tempo:

– Jorge, pega uma prancha pequena. Meire traz um saco plástico. Adriana liga pro Cristiano e peça para ele me esperar na praia com o quadriciclo, diga que é urgente. Se ele perguntar onde, diga para seguir o helicóptero.

Renan, Estefani, Luana e Tifani gritam:

– **Uh! Uh! Isso vai para Net** (e sobem correndo para o solarium).

Meire repetia a mesma palavra:

– Não, não, não...ele não vai saltar do helicóptero.

Adriana:

– Sim, sim ,sim ...aliás ele já foi.

Meire une as mãos em silêncio, pede ajuda e proteção.

10 O helicóptero voa rápido e em segundos atinge o ponto, o piloto acerta a altitude e a posição. Ricardo corrige e informa que teria que saltar atrás da arrebentação. Enquanto ele e o piloto conversam, todos na praia apreciam aquela aeronave azul Royal com faixas

douradas balançando suavemente.

A aeronave estava tão perto que era possível ler o seu prefixo na cauda

Um grupo de mulheres que assistia resolveu filmar a cena e quando uma delas aproxima a imagem do interior da aeronave diz:

– Gente, vocês não vão acreditar, é o mesmo cara que tirou o menino naquele dia.

Ao ver o salto a outra completa:

– Definitivamente eu queria ser a cordinha daquela prancha. O cara vem surfar de helicóptero. Demais.

Nem tudo o que vemos é o que parece ser.

11 No Orfanato

Cristiano e um amigo estavam esperando por Ricardo no ponto combinado, ele sai da água correndo, entrega a prancha ao amigo de Cristiano, sobe na garupa e dá uma ordem:

– Pega a trilha dos pescadores, temos que chegar o mais rápido possível no Orfanato.

Cristiano retruca:

– Não conseguiremos atravessar o rio.

Ricardo já havia pensado no itinerário e explica:

Subiremos o rio até a estrada de ferro, depois entraremos nos trilhos do trem. O quadriciclo consegue. Vai.



Ricardo estava certo, e rapidamente eles chegaram ao local.

11 Ao entrarem pelo portão,

veem uma casa velha e sem vida, sem crianças e um rio “gordo” invadindo o quintal, destruindo os singelos brinquedos, feitos de cordas, pneus e madeiras.

Uma moça de cabelos negros, cabisbaixa, sentada na pequena varanda, não percebe a chegada dos rapazes, é o seu marido quem avisa:

– Amor, temos visita.

Havia também um oficial da justiça e dois policiais, que ali estavam para garantir que todos desocupassem o imóvel.

Ricardo apresenta-se, sem saber ao certo o que e como dizer algo, ele é direto:

– Moça, consegui uma casa para vocês, preciso que Dona Celina assinasse esse papel.

Abalada e sem muito que perder, ela diz:

– Podem entrar, o médico pediu para ficar a sós com ela, acho que ele queria me poupar e acredito que ela não tenha condições de assinar nada.

11 Acreditando no poder de Deus, ele pede licença e entra no

quarto, onde várias pessoas ao redor da cama (fato que o deixou confuso) oravam em silêncio.

Dona Celina abre os olhos, dá um sorriso e diz:

– Entre meu filho, “estávamos” te esperando.

Em vão ele tenta explicar o que para ela já havia sido dito por aqueles que só aquela velha senhora e Ricardo podiam ver.

Calmamente, ela pede uma caneta e faz um pedido.

– Por favor, podem chamar minha filha e o oficial da justiça?

O oficial entra acompanhado pelos policiais, ela pega na mão daquele moço e diz:

– É meu desejo que essa casa que recebo agora seja da minha filha. Pode fazer isso?

Educadamente, o oficial aperta a mãos de Celina e abaixa a cabeça. Em silêncio confirma.

11 Em seguida, ela chama pela filha, que entra chorando e ajoelha ao lado da cama.

– Sim, mamãe.

Celina passa a mão na cabeça da filha e diz:

– Matrícia, minha filha, agora temos um lar para as nossas crianças. Cuide delas com amor.

Ela fecha os olhos e dorme profundamente, o médico ajuda Matrícia a se levantar e todos retiram-se do ambiente. Menos Ricardo, que não conseguia mover as pernas, ao ouvir aquele nome, ele simplesmente ficou imóvel, até que Rodrigo, esposo de Matrícia veio buscá-lo.

Matrícia e Rodrigo oferecem um café a todos, mas o oficial, os policiais e Cristiano agradecem e dizem que precisavam voltar.

O médico permaneceu ao lado de Celina, Ricardo pede licença para sentar-se. Curioso ele pergunta:

– Perdoe-me Matrícia, mas você foi adotada pela Dona Celina?

11 Ela responde sem constrangimento:

– Não exatamente. Fui deixada aqui, dentro de um cesto, com uma flor e um bilhete, Só isso.

Ela continua:

– Ainda não sei o seu nome e nem o local dessa casa, mesmo assim muito obrigada, de coração.

Ricardo levanta-se, respira fundo e responde:

– Meu nome é Ricardo e você é a nova proprietária da Mansão dos Nobres. Fruto de uma doação. Parabéns.

11 O casal permanece extasiado, sem entender nada. Ricardo continua.

– Estarei lá por alguns dias, ficaria feliz em mostrar a casa para vocês.

Ele termina a frase e o médico aparece na porta da cozinha, recolhe os lábios e balança a cabeça.

– Dona Celina partira.

Ela era uma mulher muito amada na cidade e não faltou nada para sua despedida.

O próprio prefeito cuidou de tudo.

Ricardo entrou mais uma vez no quarto, fez uma oração e saiu. Ele preferiu voltar a pé pela praia, precisava pensar em como falar com as “Matrícias”. Seria uma coincidência?

12

O Velório

Dona Celina foi velada no Ginásio Municipal, a maioria dos visitantes eram pessoas humildes, pescadores que sempre recorriam à Dona “Celi” para buscar remédios, olhar seus filhos quando necessário, pedir um pouco de arroz ou simplesmente um conselho, ocasião em que ela pegava o seu velho Evangelho e lia para eles.

Suas orações eram tão simples que qualquer um podia entender, seus gestos meigos e generosos garantiam o carinho, seu toque “benzia” os pequenos e o seu olhar

amava sem julgar.

12 Ricardo estava lá, encontrou com Matrícia e Rodrigo no momento do sepultamento, esperou as pessoas saírem, aguardou um tempo e foi levar um pouco de afeto ao casal.

– Matrícia, Rodrigo, meus sentimentos. Sei que o momento não é oportuno, mas gostaria de convidá-los para almoçar em casa hoje, uma vez que ficarei somente mais dois dias lá. Aceitam?

Matrícia agradece.

– Iremos amanhã, estou cansada.

Desculpe-me.

Nesse momento uma emissora de TV aparece e uma repórter aborda Matrícia.

– Senhora, poderia nos dar um minuto de sua atenção? Sabemos que é a nova proprietária da Mansão dos Nobres.

Matrícia fica confusa, mas enxerga uma possibilidade de agradecer ao doador. Ela aceita.

A repórter acerta os detalhes e começa a entrevista:

– Estamos em Itanhaém, com a nova proprietária da Mansão dos

Nobres. O que você tem a dizer nesse momento?

12 Matrícia responde de forma calma e humilde:

– Em nome das crianças agradeço a pessoa que fez essa doação. Muito obrigada.

A repórter agradece e avisa que a notícia iria aparecer no jornal das dezoito horas.

13 Surpresa

Conforme previsto, às dezoito horas Matrícia aparece na TV, com o seu nome e profissão escritos no rodapé.

Matrícia da Silva

Professora

Seria mais um reportagem comum para Dona Marta, que estava a 300 Km dali. Quando leu o nome, deixou sua xícara de chá cair e gritou para o marido que lia jornal.

– João, veja, veja...

Seu marido ajeita os óculos e diz:

– Ah! Marta! É só um homônimo, por favor, de novo não.

13 Ela insiste:

– Não João, veja os olhos dela. Leve-me lá amanhã, por favor. É a última vez, eu prometo.

João estava cansado daquela procura, mas decide que seria a última vez:

- Tudo bem Marta, tudo bem.

13 Ele pega o celular e liga para um amigo, solicita o helicóptero emprestado para um bate e volta. Acerta os detalhes e na manhã

seguinte partem bem cedo, acompanhados por um jovem guarda-costas.

14 O Encontro

Naquela manhã, Ricardo acordou mais cedo, subiu ao solarium e avisou Matrcia que gostaria de apresentar-lhe uma pessoa, não deu detalhes até porque tudo podia ser coincidência.

Disse apenas que a Mansão tinha uma nova dona e essa viria a qualquer momento.

Curiosa, ela pensava em quem

poderia ser.

O relógio da sala marcava dez horas e trinta minutos de um dia de verão, quando tocou a companhia.

14 Ele sobe até o solarium, faz um sinal para Matrícia e ambos descem, passam pela sala e grita:

– Pessoal, venham conhecer a nova dona da Mansão.

Enquanto caminhava até o portão (acompanhado por Matrícia) ele pensava na alegria de todos ao saberem o nome da nova proprietária. Havia planejado tudo em detalhes, seria maravilhoso o

reencontro. Será?

Ele abre o portão, Matrícia e Rodrigo entram, ela fica encantada com a casa:

– Nossa! Que linda.

Ricardo e todos estavam felizes. Então ele diz:

– Pessoal, essa é(de novo , o som ensurdecedor de um helicóptero rasga o céu e interrompe a frase).

O piloto pousa no mesmo local do outro helicóptero. Todos ficam olhando sem entender nada. Ao

desligar o motor, a porta se abre e desce um rapaz alto, de terno preto, acompanhado de um casal de idosos.

14 O rapaz fica ao lado da aeronave, enquanto o casal caminha vagarosamente em direção à casa.

Ao chegarem, eles param no portão e pedem licença. Ricardo vai recebê-los.

– Bom dia, em que posso ajudá-los?

A senhora se apresenta.

– Bom dia, meu rapaz. Meu nome é Marta e esse é o meu marido, João. Gostaríamos muito de falar com a

proprietária desse imóvel.

Sem entender nada, ele decide ajudá-los. Convida-os a entrarem.

Matrícia (mãe) sente algo ao ver o casal e Matrícia (filha) fica curiosa.

Todos estavam no jardim, Ricardo apresenta-os:

– Bem, pessoal. Esse é o Sr. João, essa é a Dona Marta e essa é Matrícia, a nova proprietária da Mansão dos Nobres.

14 Nesse momento Matrícia (mãe) coloca as mãos sobre os ombros de Ricardo, dobra os joelhos e fala.

– Ricardo, meu Deus, são os meus pais, eu me lembro, eu me lembro (ela chora, compulsivamente) .

Matrícia (filha) pergunta a Dona Marta:

– Eu sou a nova proprietária. O que desejam?

Dona Marta retira da bolsa uma tesoura e um saco plástico com lacre.

– Minha filha. Procuro por um bebê há mais de trinta anos, e acredito que seja você.

Matrícia (filha) numa mistura de ódio e raiva não consegue conter-se e diz

o que há muito tempo estava engasgado:

– Fique tranquila, não sou a sua filha, pois a minha mãe faleceu recentemente. Até ontem eu não tinha ninguém, bastou herdar essa Mansão e já tenho que fazer DNA. Não conheço vocês e hoje a minha única preocupação é garantir o sustento de 32 crianças. Se perder essa casa, perco tudo. E mais, quem me garante que esse exame não colocará a minha vida em risco.

14 Ricardo havia planejado tudo, menos isso.

Matrícia (mãe) pedia ajuda:

– Ricardo, são os meus pais. Senhor me perdoe. Me ajude (sua dor era terrível) .

De joelhos, ela pede ajuda a Deus.

Percebendo que aquela conversa não ia levar a nada, Sr. João toma uma atitude:

– Bem, sendo assim só me resta provar que eu não quero o seu mal.

Ele toma uma atitude absolutamente inusitada. Abre o seu paletó, saca uma arma e aponta para própria cabeça e diz:

– Você dá um fio do seu cabelo e eu aperto o gatilho. Assim provo que

nunca farei mal a você ou as suas crianças e termino a minha busca.

14 Todos entram em desespero. O jovem rapaz dá murros na porta do helicóptero, saca sua arma e corre em direção ao grupo, o piloto aciona o motor em alta rotação, Jorge abraça as crianças e deita no chão, Meire e Adriana ficam paralisadas, Ricardo percebe três sombras negras rondarem o local, aquilo não era nada bom. Abalado, ele tenta contornar a situação:

– Calma gente, calma Sr. João. Já basta o suicídio da mãe dela.

Matrícia (filha) grita:

- Minha mãe o quê? O que sabe dela? Quem é você?

Sr. João de arma em punho tremia, tremia.

O rapaz apontava sua arma para todos, a situação era crítica.

Então Dona Marta, de cabeça baixa, exausta, deixa cair a tesoura, o saco plástico e diz:

- Parem, João, abaixe a arma. Chega disso tudo. Peço desculpas a vocês. A minha busca termina aqui.

Sr. João abaixa a arma e a cabeça. Ricardo pega a arma e pede ao segurança para abaixar a arma dele, no que ele retruca:

– Senhor! Coloque a arma no chão e dê dois passos para trás.

14 Ricardo obedece e o rapaz recolhe a arma.

Matrícia(mãe) estava deitada em posição fetal e urrava de dor.

Enquanto o casal se afastava, ela pedia a Ricardo que fizesse algo.

Ricardo tentava convencer Matrícia (filha).

– Matrícia, eu acho que eles são os seus avós, fique pelo menos com o telefone deles.

Nesse momento e sofrendo muito Matrícia (mãe) pede:

– Ricardo, diga que a flor era amarela e que no bilhete estava escrito: “Por desespero e amor deixo minha filha, seu nome é Matrícia”. Diga...diga ...

Após proferir a frase solicitada, uma lágrima escorre de Matrícia (filha) .

– Como? Como você pode saber isso?

Ricardo apenas diz:

– Da mesma forma que sei que eles são os seus avós.

14 Ela enxuga as lágrimas e grita :

– Esperem. (O casal vira-se e ela continua) . O que querem de mim além do cabelo?

Dona Marta abre os braços e diz humildemente:

– Um abraço minha filha, um abraço.

Ela corre, abraça-os e dando suaves murros nas costas deles, ela repetia.

– Por que demoraram tanto...Por

quê?...Por quê?...senti tanta falta de vocês.

Ela chama por Ricardo e Rodrigo, pede ajuda para cortar o cabelo, coloca a mecha delicadamente no saco plástico e entrega ao Sr. João.

Sr. João puxa o lacre e diz:

– Muito obrigado. Se você for a minha neta, não terá problemas com o sustento dessas crianças e se não for, também não terá, tem a minha palavra. Vamos Marta, temos que voltar.

Dona Marta explica que o cabelo de sua filha era muito bonito e que

resolvera guardar uma mexa como lembrança, e essa seria utilizada no exame de DNA .

Ricardo diz que poderiam e deveriam ficar. O rapaz levaria o invólucro ao destino.

14 Senhor João aceita e Dona Marta quebra todos os protocolos dizendo que adoraria ficar.

Ricardo chama por Meire e pede que conte tudo a eles, diz que naquele momento deveria socorrer Matrcia (mãe), que não conseguia ficar de pé .

Quando todos entraram na casa,

Ricardo ficou “sozinho” no jardim. Ajoelhado, ele conversava com Matrícia(mãe):

– Você está melhor? Veja. Eles estão juntos.

Matrícia (mãe) não respondia, apenas soluçava. Nesse momento apareceu uma mulher e apresentou-se como sendo Lorena, uma das mentoras do Orfanato. Ela ajoelha, pega Matrícia (mãe) no colo e a leva até um banco do jardim , ali elas conversaram:

Matrícia (mãe): – Quem é você ?

Lorena: – Meu nome é Lorena, vim

para te ajudar.

Matrícia (mãe): – Por que não veio antes?

14 Lorena: – Sempre estive aqui, sua condição vibracional não permitia me ver.

Matrícia (mãe): – Agora que encontrei minha vida, meus pais, minha filha, terei que deixá-los. Seria um castigo?

Lorena: – Não, você não terá que deixá-los. E castigo é um fruto que plantamos. Poderá ajudar a cuidar das crianças, para isso teremos que conhecer um local de estudos e

assim continuar a sua jornada.

Sem compreender, Matrícia (mãe) aceita.

Pouco depois, Ricardo percebe que Matrícia (filha) caminhava em sua direção. Matrícia (mãe) pede a ele para não falar que elas estavam ali.

Matrícia (filha) chega , pede licença e senta-se ao lado de Ricardo :

– Então minha mãe morou aqui, ficou dois anos afastada dos pais, teve uma filha e se matou. É isso?

14 Ricardo complementa:

– E você a odeia por isso?

Ela olha para o horizonte e diz:

– Não, não a odeio. Sentia um pouco de remorso, só isso. Deus atendeu as minhas preces. Eu só queria conhecer alguém da minha família, só isso.

Ele então pergunta:

– Então por que ainda sinto tristeza nas suas palavras?

Matrícia responde de forma sincera:

– Há três anos eu e Rodrigo tentamos ter um bebê, fizemos todos os exames e apesar de tudo estar ok, não conseguimos. Não tive “mãe” e não posso ser mãe, mesmo

tendo 32 crianças. É por isso, mas vai passar.

Lorena ajoelha-se na frente de Matrícia (filha), coloca sua mão sobre o seu ventre, faz uma breve oração, levanta-se, pega na mão de Matrícia (mãe) e desaparecem.

15 Na Colônia

– Onde estamos Lorena?

Matrícia (mãe) pergunta encantada.

– Chegamos meu amor. Aqui é a Colônia onde você ficará por um tempo.

O lugar era lindo, com árvores frondosas, pássaros, borboletas e crianças, muitas crianças correndo e brincando num imenso gramado.

15 Uma rua de pedra levava até uma enorme casa branca de janelas e portas beges, era ali que todos se

reuniam para estudar, cantar e aprender.

Jamais pude entender para onde iriam os pequenos que desencarnavam em tenra idade, agora eu sabia.

– Lorena, quem são essas crianças?

Mal Lorena pisa no gramado e é cercada por um grupo de pequeninos, cheios de “faldade”, uma mistura de falta e saudade.

Antes de responder as perguntas de Matrícia (que seriam muitas), ela ajoelha, abraça a todos, beija-os e

afaga-lhes os cabelos. Em seguida diz:

– Vão brincar meus amores, divirtam-se.

Matrícia olha assustada, curiosa e confusa.

As crianças se dispersam, Lorena levanta-se calmamente e inicia a explicação:

– A maioria dessas crianças foram assassinadas ou vítimas de maus tratos. Sentiram na pele o que plantaram no passado. É missão dessa Colônia receber esses irmãos.

15 A cada resposta, Matrícia ficava mais confusa.

– Perdoe-me, Lorena. Não consigo entender isso.

Lorena sabia que Matrícia não a compreenderia e resolve aguardar o tempo certo.

Com paciência, ela inicia uma explicação básica, dado o fato que Matrícia havia ficado estagnada por 30 anos.

– Minha querida, as coisas são simples. Veja o exemplo da chuva, as gotas caem do céu, em várias partes do mundo. Algumas batem

com força nas pedras, outras sobre as matas, mas todas procuram o mar e quando o encontram aguardam a luz do sol, para então retornarem ao céu. Um ciclo eterno, em que o principal objetivo é a evolução sob as leis de Deus.

Matrícia encanta-se com a explicação e apesar de estar confusa, compreende a lição.

15 Animada com o local, não consegue conter a emoção:

– Nossa Lorena! Mal vejo a hora de iniciarmos o trabalho, parece-me que não será complicado cuidar dessas crianças, são alegres,

educadas e supercarinhosas.

Lorena pega as mãos de Matrícia e fala:

– Matrícia, infelizmente não serão essas que você cuidará, essas já foram cuidadas.

Um frio percorre-lhe a espinha, intuitivamente ela sabia o que aquilo queria dizer.

Ambas sobem a estrada de pedras que levava à casa principal. O local era muito organizado e limpo, um leve perfume parecido com lavanda preenchia o local.

Lorena vai à frente, sempre

educada cumprimentava a todos, na maioria mulheres, seres de amor incondicional, só elas poderiam cuidar daquela colônia, sem dúvida.

15 Os únicos homens eram os enfermeiros de primeira linha, responsáveis pelo regaste imediato dos pequenos, e que na maioria das vezes exigia força contra as trevas.

Chegam num salão e Lorena apresenta-lhe a gentil Senhora Iga. Ela delicadamente abaixa a cabeça, junta as mãos e diz:

– Seja bem-vinda Matrícia, há muito estávamos a sua espera.

Matrícia estranhou o comentário, mas achou melhor não falar nada.

Senhora Iga continua:

– Venha. Vou mostrar-lhe o seu quarto.

– Quarto? (espanta-se Matrícia)

Lorena explica:

– Sim Matrícia ! Você tem um quarto, uma cama, uma cadeira e um livro. Nele você encontrará as respostas que tanto deseja.

Curiosa e ansiosa ela agradece e despede-se. A Senhora Iga

acompanha Matrícia até o seu “canto” de estudo.

Ao chegar no aposento Matrícia depara-se com um quarto simples, lençóis brancos, janela de esquadria marfim e uma pintura, sobre a escrivaninha, próxima a janela, feita por uma criança.

15 O desenho feito a guache, que ela mesma fizera na escolinha, em papel cinza , guache azul e algumas manchas.

O desenho representava um papai, uma mamãe e sua filhinha.

Educadamente ela pergunta:

– Senhora Iga, por favor, como essa pintura veio parar aqui?

A resposta da senhora Iga é a segunda lição:

– Sua mãe trouxe ao te perder na Terra para te dizer o quanto ela te ama. Ela o fez em sono. É como se fosse uma cópia idêntica à que você fez na escolinha.

Ela sabia que você viria para cá. No tempo certo.

Matrícia agradece e diz:

– Obrigada. Pena que uma goteira o manchou.



15 Senhora Iga segura nas mãos a pintura , entrega gentilmente para Matrícia e diz:

– Essas manchas são as lágrimas da sua mãe.

Matrícia sente um nó na garganta, um desejo enorme de gritar MAÃAEEE, mas não o faz. Ela fecha os olhos e o quadro recebe mais duas manchas, abraça-o, e em silêncio, faz a única oração que sabia, deita na cama, sente a maciez de um gostoso travesseiro, semelhante àquele que ela usava quando amamentava a sua pequena “boneca”.

Em silêncio, a senhora Iga deixa o ambiente e encosta a porta.

No corredor, Lorena encontra-se

com a senhora Iga e pergunta:

– Como ela está?

A Senhora abaixa a cabeça e diz:

– Tudo bem.

Lorena então questiona:

– E ele? Como ele está?

15 A gentil senhora responde, de forma preocupada:

– Ele está isolado, assustado e não aceita a aproximação de ninguém.

O silêncio toma conta de ambas. Lorena fecha os olhos e pede ajuda ao Pai.

Na manhã seguinte, Matrícia acorda com o barulho maravilhoso de crianças brincando. Nota que o ambiente é iluminado por uma luz natural, suavemente azulada, quase imperceptível. Naquele local não existia noite, apenas a cor azul intensificava-se, dividindo os dias em dois ciclos: manhã e tarde.



15 Animada com tudo aquilo, ela abre uma das folhas da janela e não percebe um livro próximo, até a chegada de uma borboleta azul neon, que entra sem pedir licença e brinca no quarto, indo pousar exatamente sobre o livro. Matrícia apenas sorri e pensa:



“O sinal foi dado, mas a decisão é minha”.

Pega a obra intitulada “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e inicia a leitura. A pequena borboleta então voa em círculos, pousa no seu ombro e ali permanece por alguns minutos.

Ela perde a noção do tempo, dado o interesse sobre o tema e é interrompida com suaves batidas na porta.

15 Era a senhora Iga, que traz uma bandeja com algumas bolachas e um suco de cor cítrica.

– Oi Senhora Iga. Bom dia. Hum! Que gostoso, mas é estranho, não sinto fome.

Senhor Iga explica:

– Isso é um bom sinal, experimente o suco e caso queira algo, por favor, avise-me.

Senhora Iga deixa a bandeja sobre a cama e avisa:

– Esperamos você lá embaixo.

Matrícia agradece e pega o copo de suco. Acha aquilo estranho, mas ao tomar aquele líquido sente uma mistura de paz e serenidade, a substância não era líquida, mas

fluídica. Ingere tudo.

Arruma seu pequeno quarto com carinho, beija a pintura, pega o livro , sai e desce as escadas pelo lado errado, sem perceber.

Do alto ela vê uma cena triste, três enfermeiros entram rápidos empurrando uma maca com uma criança em situação deplorável, mutilada e gemendo de dor.

A cena é rápida, mas suficiente para Matrícia perceber a gravidade da situação.

15 Ela é surpreendida por Lorena, que coloca as mãos sobre o

seu ombro e diz:

– Não fique assustada, ele ficará bem.

Lorena desvia a atenção da jovem:

– Vejo que gostou do livro.

Matrícia ainda abalada responde:

– Sim, muito. Tudo parece mais claro agora. Ainda não terminei, mas consigo entender melhor algumas coisas.

E continua:

– Lorena. Por que fiquei tanto tempo naquela casa? Por que não vim para um local semelhante a esse?

Lorena diz calmamente:

– Você roubou e escondeu um porta-joias que tinha valor inestimável para uma família e algum tempo depois cometeu suicídio. Pois bem, ao roubar e esconder o porta-joias você absorveu a mágoa e a dor dos pais da Ceci, não pelo valor do objeto, mas pelo elo que mantemos com objetos e pessoas, enquanto ainda somos apegados. Ao cometer o suicídio você contraiu duas dívidas. Agradeça à devolução do porta-joias aos legítimos donos e a Deus pela sua vida.

15 Matrícia não aceita:

– Lorena. Quanto ao suicídio tudo bem. Mas era um simples porta-joias!

– Matrícia, ninguém ascende ao Pai se estiver em dívida com o próximo. Isso é uma lei. E quanto ao porta-joias, acredito que ele tenha o mesmo valor de um quadro feito a guache por uma criança. Você não acha?

O silêncio foi a resposta de Matrícia.

A vida começava a ensinar quais são os verdadeiros valores que

levamos para a eternidade.

Após três semanas Matrícia estava totalmente ambientada à Colônia, seus dias seguiam uma rotina de estudo e ajuda aos bebês, basicamente ela só tinha que ficar com alguns deles no colo, passear e brincar.

Apesar de se passarem 30 anos, ela guardava na memória seus últimos dias antes do desencarne e essa era a sua condição, uma mamãe novata, cheia de amor.

15 Era exatamente ESSE amor que ela passava aos pequenos ao tocá-los e acariciá-los. Mesmo sem

saber.

Fazia amizade com grande facilidade e era adorada pelas crianças por causa das brincadeiras que inventava e pelo fato de algumas vezes fazer aparecer uma borboleta azul.

Na realidade, a borboleta a acompanhava sempre e acabou tornando-se um bichinho de estimação de Matrícia, as crianças sabiam, mas elas sempre se encantavam quando Matrícia abria suas mãos e a pequena azulada alçava voo para o céu.

Era lindo. Quantas vezes fosse feito,
sempre haveria o sorriso das
crianças.



Todos os dias Matrícia reservava um horário para a leitura do Evangelho, num local não muito distante da casa, perto de um tronco de Carvalho, que pelo tamanho e formosura era referência na Colônia.

Sentava na grama, fazia uma breve oração, esperava alguns segundos e então, quando a pequena borboleta azul aparecia, ela iniciava a leitura.

– Ah! Que bom que você veio. Estava preocupada com a minha amiga azul, isso, vou te chamar de Azul.

15 Aquela tarde seria como

outra qualquer, as crianças retornaram para os quartos, a luz natural vestia-se de azul Royal, anunciando a chegada do entardecer, e assim ficaria até o amanhecer, sem noite, era lindo demais.

Matrícia fechou o livro, estendeu o dedo para Azul, ela pousou suavemente e ganhou um delicado beijo.



Caminhava de volta para casa apreciando o silêncio do local, quando notou um choro, muito baixo e quase imperceptível, esforçou-se para identificar de que lado vinha o som.

Preocupou-se, pois podia ser uma das crianças perdidas.

Andou em círculos, tentando identificar de onde vinha aquele choro misturando com gemido de dor, já estava quase desistindo quando Lorena apareceu.

– Pode ouvi-lo, Matrícia?

– Sim, Lorena. Muito baixo, mas posso. Quem chora?

– Venha querida, agora que você pode ouvi-lo, pode vê-lo. Acompanhe-me, por favor.

15 Andaram pela lateral da grande casa, passaram por um imenso jardim e chegaram a uma área isolada, com uma pequena

construção branca, uma única janela e uma única porta, semelhante a um pequeno chalé.

Matrícia percebeu que o som do choro era mais forte naquele local. Por uma estranha razão ela sentiu um arrepio pelo corpo, medo e insegurança. Antes que pudesse exteriorizar seus sentimentos, Lorena acalmou-a:

– Não tenha medo. Venha.

15 Aproximaram-se da porta e abriram-na, Matrícia assustou-se com o que viu. Um ser nú de um metro e vinte, cinza claro, raquítico, dentes pontiagudos, cabeça

ovalada, sem órgãos genitais, sem umbigo e muito assustado. Encolhido num canto da sala, não aceitava a aproximação de ninguém. Não atacava, apenas arranhava o canto da parede, tentando sair daquele local.

– Meu Deus! Por que prendê-lo aqui Lorena?

– Ele não está preso, Matrícia. Sua condição o prende aqui. Ao mesmo tempo em que quer sair, não sabe para onde ir. Sofre por si mesmo.

– Como ele veio parar aqui, Lorena?

– Ele não veio parar aqui, nós o

resgatamos do Planeta Caverna, assim batizado pela sua semelhança com as cavernas da Terra.

Matrícia estava curiosa:

– Poderia falar um pouco sobre esse Planeta?

– Claro Matrícia. Alguns irmãos comentem muitos erros e quando desencarnam são atraídos para esse planeta. Assim como aqui não existe noite, lá não existe o dia, a única luz existente é a da Lua. Não há água, vegetação ou animais, apenas cavernas e a sua terra é cinza. De tempos em tempos

formamos caravanas de regaste, a fim de atender às preces daqueles que oram por esses irmãos. São pais e mães que pedem ajuda aos filhos.

15 Matrícia, um pouco confusa, arrisca uma pergunta.

– E quais são os critérios para serem resgatados?

Lorena olha com ternura para o “menino-cinza” e diz:

– Basta ser humilde e pedir ajuda ao Pai.

Matrícia interpela:

– Mas Lorena, como ele pode pedir ajuda se nem pode falar?

Lorena diz:

– Ele ajoelhou e estendeu a mão. Aprenda uma lição Matrícia: ***Só duvidamos da existência de Deus quando estamos em pé.***

Matrícia reconhece a verdade nas palavras de Lorena e pergunta:

– Como podemos ajudá-lo?

– Nós não Matrícia.... você.

Num impulso de medo e resistência Matrícia diz:

– Eu? Por que eu? Deve haver

algum engano Lorena.

15 Lorena coloca a mão na cabeça de Matrícia e fala:

– Porque ele foi o pai da sua filha.

Matrícia não consegue segurar a emoção, coloca as mãos na boca e chora.

– Não, não pode ser. Como? Por quê?

Lorena faz uma breve oração, a fim de harmonizar o ambiente, em seguida, faz um pedido.

– Matrícia, amanhã explicarei a você. Vá descansar, ele receberá

um passe e dormirá.

Em seu quarto, deitada, ela observava o quadro na parede, lembrava dos conselhos de sua mãe, das festas na casa, regada a bebidas e drogas, e de Luiz.

Jovem lindo, rico e charmoso, estudante de medicina e sem problemas com a vida.

Apaixonou-se rápido, tão rápido que a gravidez veio na mesma velocidade da paixão e com ela o desespero.

Pensou em aborto, mas teve medo.

15 Só e abandonada, decidiu

suicidar-se quando Luiz a deixou definitivamente. Ele foi culpado também.

Mas agora ela queria entender como Luiz havia se transformado “naquilo”. A noite-azul passou rápido.

Na manhã seguinte Matrícia “acordou” de um sonho que jamais imaginara. Amara um homem que agora era um menino.

Levantou-se, ajoelhou ao lado da cama e pediu:

- Pai, perdoe-nos e, por favor, guia-

me para que eu possa ajudá-lo.

Ao levantar-se viu Azul em cima da cama, abrindo e fechando suas belas asas, como se nada tivesse acontecido, transmitindo uma paz sem igual.

Matrícia pega o seu evangelho, Azul pousa no seu ombro e ambas descem as escadas.

Anda cabisbaixa pelo saguão quando aparece Lorena e faz um convite:

– Venha. Vamos conversar um pouco.

15 Em silêncio caminham em

direção a um banco, próximo ao gramado das crianças. Sentam-se.

Lorena aprecia as brincadeiras dos pequenos e pergunta:

– Você ainda o odeia?

Matrícia abaixa a cabeça e responde:

- Não mais. Sofri e hoje sei que fui a única responsável pelo meu sofrimento. Não soube usar o meu livre-arbítrio. Ele, assim como eu, também não soube, mas pelas evidências, acredito que Luiz deve ter cometido erros ainda mais graves.

Lorena ouve em silêncio e complementa.

– Vejo que a leitura do Evangelho não foi em vão, fico feliz.

Mas não era isso que Matrícia queria ouvir e resolve ir direto ao ponto.

– Lorena, como posso ajudá-lo?

A amiga olha com ternura e inicia a explicação:

– Minha querida, Luiz teve uma vida repleta, sem dificuldades, formou-se em Medicina e foi o melhor aluno da sua turma. Inteligência privilegiada, saúde perfeita, bonito e de boa

família. Tinha tudo para dar certo.
Concorda?

15 Matrícia não aguenta a
ansiedade:

– O que aconteceu Lorena?

Ela continua:

– Foi um médico de prestígio, você não foi a primeira e nem a última a ficar grávida e abandonada em suas mãos. Como médico, usava de seus conhecimentos para “testar” medicamentos, especialmente em crianças, crianças negras da periferia. Alguns “testes” não deram certo. No começo ele sentia culpa,

mas a soma de dinheiro era alta e com o passar do tempo perdeu o escrúpulo, a compaixão e o amor.

Adquiriu elevado nível intelectual, mas esqueceu o nível moral.

15 Matrícia ouvira com atenção, mas ainda queria saber sobre a condição atual. Lorena percebeu sua ansiedade e direciona a explicação para aquilo que Matrícia queria ouvir:

– Ele cometeu muitas atrocidades e Deus, em sua infinita misericórdia, concedeu várias oportunidades para um novo começo, mas Luiz não acreditava no Pai, então um dia ele

sofreu um ataque cardíaco fulminante. Acordou no Planeta Caverna nessa condição, como um “menino” de doze anos. Foi a partir dessa idade que sua verdadeira índole floresceu e começaram os problemas. É como se ele tivesse um novo recomeço aqui na Colônia.

A cada explicação, Matrícia ficava mais confusa:

– Ele me reconhece?

Lorena continua:

– Não. Não reconhece ninguém, para o seu próprio bem. Ele deve recuperar a memória aos poucos.

Precisa de ajuda.

Matrícia não se conforma.

– Por que ele tem esse aspecto horrível?

15 Lorena fecha os olhos e diz:

– Ele tem o aspecto que projetou para si durante anos de sofrimento, sofrimento dos outros. Pelas mãos que derramaram lágrimas na perda de seus filhos, por causa dos seus “experimentos científicos”. Seu corpo moldou-se ao sofrimento.

Matrícia faz a última pergunta:

– Por que sua pele possui essa cor

cinza horrível?

Lorena responde:

– No Planeta Caverna não existe nenhuma espécie de vida, animal ou vegetal, nem mesmo água.

Matrícia não compreende:

– Sim Lorena, mas o que isso tem a ver com a cor cinza da sua pele.

Lorena relembra suas viagens ao planeta, cenas horríveis e responde:

– A pele dele tem a mesma cor da terra que eles em vão tentam mastigar.

15 Matrícia junta as mãos,

abaixa a cabeça e pensa:

“Meu Deus!”

Em seguida, faz um pedido:

– Lorena. Como posso ajudá-lo?

Lorena levanta-se e diz:

– Leia o Evangelho para ele.

Azul, que parecia entender o recado, levanta voo e dá sinais a Matrícia para segui-la em direção à casa do menino-cinza.

16 Recomeço

Matrícia seguiu Azul até a casa, abriu a porta e viu Luiz encolhido no canto da parede, só, assustado e inseguro.

Não apresentava sinais de atacar alguém, seu único gesto era encolher-se mais e mais, quando alguém tentava uma aproximação.

Ela percebeu e resolveu manter distância, a fim de não amedrontá-lo.

Sentada próxima à porta, ela lia o Evangelho e ele encobria a cabeça com os braços. Dia após dia

Matrícia repetia o ritual de leitura, mas Luiz não reagia.

16 Numa tarde, ela pensou em desistir, pois achava que a leitura pudesse estar lhe causando algum tipo de incômodo. Foi quando Azul resolveu a questão.

Azul esperou Matrícia retirar-se do quarto e acompanhou-a até a casa, esperou-a entrar e então retornou ao quarto de Luiz.

O menino estava sentado, com os braços sobre os joelhos, olhando o teto.

Azul entrou pela janela e voou em

círculos, chamando sua atenção. Ele percebeu e como qualquer criança encantou-se com a beleza da borboleta. Ficaram horas se “conhecendo”, até que ele adormeceu serenamente, sem passe. A paz retornara ao seu coração.

Azul saiu do quarto e pousou na mão de Lorena, que assistiu a tudo do lado de fora (telepaticamente), toda tarde Lorena aplicava passes em Luiz, a fim de proporcioná-lhe um pouco de tranquilidade.

16 Ao receber a pequena sobre suas mãos ela disse:

– Muito bem. Agora mostre a Matrícia o que fazer.

Na manhã seguinte, Matrícia acordou e sentiu falta de Azul no quarto, fez a sua oração, arrumou-se e desceu as escadas.

Olhou para os lados, para cima e nada. Imaginou que Azul estivesse com alguma criança e não se preocupou.

Realmente Azul estava com uma criança, estava com Luiz. Voava em círculos, pousava, abria suas belas asas, enquanto o menino maravilhava-se.

Ao perceber a aproximação de Matrícia, Azul saiu rápido, provocando a curiosidade de Luiz (onde ela foi?)

Antes que Matrícia pudesse abrir a porta, Azul apareceu e começou a chamar a atenção da sua Dona. Voava em curtas distâncias, bem na frente de Matrícia.

– Ah! Você está aí amiguinha.

16 Azul não sossegava, até que Matrícia abriu sua mão e ela pousou bem no centro de sua palma. Fechou suas asas e abaixou suas perninhas, indicando que desejava aparecer para as crianças.

– Meu amor! Aqui não tem crianças.

Azul não se intimidou com o comentário e aguardou até que ela percebesse a situação.

– Meu Deus! Você quer aparecer para o Luiz? Ok, vamos lá.

Matrícia entrou rápido e viu o menino de pé, olhando para o teto, no centro do quarto, procurando algo. Estava tão entretido que não percebeu a moça atrás dele e antes que fugisse para o seu canto ela estendeu o braço e abriu a mão, fazendo aparecer o que ele tanto procurava. O menino encantou-se, não foi para o seu esconderijo,

distanciou-se um pouco de Matrícia, girava sua cabeça aos movimentos de Azul.

Pela primeira vez houve um progresso. Naquele dia Matrícia não leu o Evangelho, apenas observou os dois durante muito tempo e fez uma oração:

– Obrigada Senhor!

17 O Que Fazer ?

Dia após dia Matrícia encontrava-se com Luiz e Azul na esperança dele reagir de forma diferente, tudo em vão.

Ele apenas observava Azul e nada mais.

Numa manhã, Lorena chamou por Matrícia :

- Precisamos conversar Matrícia.
- Pois não, Lorena.

17 Elas dirigiram-se para o banco no gramado e antes que Matrícia pudesse falar algo, Lorena

antecipou-se:

– Temos um problema querida, Luiz não evoluiu muito nessa Colônia, ainda está assustado, precisamos transferi-lo, para o seu próprio bem.

Matrícia assustada pergunta:

– Ele voltará para aquele planeta horrível?

Lorena a tranquiliza:

Não. Será levado para um outro tipo de colônia.

– Quando ele partirá Lorena?

– Amanhã cedo. Uma equipe virá buscá-lo.

Matrícia sente o peso da despedida, pela segunda vez eles seriam separados sem ao menos se tocarem. Ela tenta:

– Lorena. Posso acompanhá-lo?

A amiga entende os sentimentos da moça, mas é firme:

– Não, meu amor, é necessário que seja assim.

17 Matrícia chora em silêncio e aceita a situação resignada.

Lorena percebe e oferece um acalanto:

– Poderá despedir-se, eu mesma a

chamarei.

– Obrigada Lorena .

Matrícia agradece com humildade.

18 Despedida

O Sol irradiava uma suave luz azul, iluminando o bosque, o gramado, enquanto olhos verdes contemplavam o cenário e aguardavam a chegada da equipe.

Matrícia não esperou o chamado de Lorena, não podia esperar, queria estar ali e sentir até o último segundo aquele que um dia ela amou.

Seus sentimentos resumiam-se a perdão e caridade; e foi assim que ela esperou.

As crianças chegaram e encheram o

gramado de alegria.

18 Ficou imaginado como seria a reação dos pequeninos ao verem um “menino-cinza”.

Em seguida chegou Azul, que delicadamente pousou em seu ombro.

– Oi pequena. Obrigada por tudo!

Lorena aproxima-se de Matrícia e diz:

– Querida. Venha, por favor.

Matrícia levanta-se de cabeça baixa, caminha até a rua principal da Colônia, Lorena a abraça e ambas

acompanham a chegada de uma maca e dois enfermeiros, trazendo um “menino-cinza”, desacordado, coberto por fino lençol branco, com os braços de fora. Estava sereno.

Matrícia aproxima-se da maca, olha para Luiz e pensa:

Por que tinha que acabar assim? Por que? Perdoe-me meu amor, tivemos uma filha linda e ela está bem. Vá com Deus.”

18 Nesse momento, Luiz abre um dos olhos com dificuldade, ergue um pouco o braço e estende a mão para Matrícia.

Então, uma lágrima escorre pelo seu rosto, Matrícia não aguenta.

Retira-o da maca, pegando-o no colo e desesperada corre com o menino até o gramado. Os enfermeiros são tranquilizados por Lorena, que com um sinal pede a eles que permaneçam tranquilos.

Matrícia ajoelha na grama com o menino ainda no colo, coloca sua cabeça sobre o ombro do pequeno; com fé e amor ela inicia uma oração em silêncio.

“Pai”

Ela sublima-se a tal ponto que a sua

oração é “ouvida/ transmitida” por toda a Colônia.

Cada palavra de Matrícia ecoava e era sentida por todos, as pequeninas pararam imediatamente suas brincadeiras e pouco a pouco formaram semicírculos em torno dos dois.

18 É como se a voz de Matrícia ecoasse em toda a Colônia, pouco a pouco as crianças aproximavam-se, ajoelhavam, fechavam os olhos, viravam as mãos para cima e entoavam algo parecido com uma canção de ninar, sem tradução, parecia o som de uma mamãe

ninando seu filho, algo lindo, sem palavras para explicar.

Aquelas mais de trezentas crianças simplesmente sabiam o que fazer e o faziam com amor, sim amor, isso talvez explique a beleza daquele momento. Lorena e os irmãos enfermeiros também fecharam os olhos e viraram suas mãos para o alto.

E assim, Matrícia fez sua oração, entre lágrimas:

– “Pai...Erramos e eu lhe peço perdão por nós, rogo a sua misericórdia nesse momento, falhei

mais uma vez Pai, me perdoe...me perdoe...Nunca em minha vida desejei tanto te sentir, Pai.

Se virei as costas para ti, foi porque estava no caminho errado.Ainda que eu te esqueça, não me abandones, pois nas suas mãos entrego essa alma".

18 Nesse momento, uma luz irradia-se sobre o corpo de Matrícia e Luiz, ela não percebe nada, acontece lentamente o fenômeno da transfiguração e Luiz transforma-se num lindo menino, de calças jeans, camiseta branca com um skate desenhado, exatamente a roupa que

ele mais gostava. Registrada em seu perispírito, assim ficou.

Ainda adormecido pelo choque anímico, ele nada percebeu, nem sabe o que ocorreu na sua vida. Na verdade, há muito tempo ele perdera a noção de tempo e espaço.

Pouco a pouco as crianças deixaram o local e o silêncio foi embora.

Ao abrir os olhos, Matrícia emociona-se com o que vê, acaricia aquele pequeno rosto e o contempla por algum tempo, limpa as próprias lágrimas e levanta-se.

18 Caminha por entre as crianças em direção a Lorena.

– Lorena. Veja!

A amiga olha, sorri e diz:

– Onde está o “menino-cinza?”.

Matrícia responde emocionada.

– Deus o levou e me deu esse em troca.

Ela o coloca na maca delicadamente, cobre seu corpo com o lençol, beija-lhe a testa, acaricia-lhe os cabelos, o rosto e diz:

– Vá com Deus, meu amor.

Lorena então passa instruções aos enfermeiros:

– Por favor, levem-no ao quarto de Matrícia, se ela desejar.

Matrícia surpreende-se:

- Como? Como assim Lorena? Claro que aceito, claro.

Lorena explica:

– Devido ao choque anímico, ele ficará “dormindo” dois ou três dias, ao acordar terá muitas dúvidas, talvez você possa ajudá-lo na recuperação. Não deverá comentar sobre a história de vocês. Uma vez que ele retornou em outro estágio

da vida.

18 Matrícia não entende e questiona:

– Lorena. O espírito dele regrediu?

Lorena continua sua explicação:

– Não querida, nenhum espírito regride. Ele retornou num estágio que lhe dará condições de recuperar a memória e com a ajuda dos pais, que virão aqui, tudo será mais fácil.

Os enfermeiros retiram o menino e o levam ao quarto de Matrícia, essa pede licença para a amiga e os acompanha.

Em seu quarto Luiz dormia serenamente sobre sua cama, a pequena Azul fazia-lhe companhia e Matrícia, sentada ao seu lado lia em silêncio o Evangelho.

Ao final do terceiro dia ele despertou, abriu os olhos, olhou para os lados, estava confuso e ouviu de uma linda moça.

– Oi. Tudo Bem? Meu nome é Matrícia.

O menino não respondeu, apenas olhava tudo em todas as direções. Levantou-se e foi até a janela:

– Que lugar bonito. Meu nome é

Luiz. Nossa, parece que eu dormi muito. Sabe dos meus pais?

18 Matrícia responde naturalmente:

– Sim, eles virão em breve te buscar. Vamos descer?

Nesse momento, entra a Senhora Iga com um “suco” e algumas bolachas.

– Bom dia. Aceita um suco?

Luiz olha a bandeja e agradece.

– Puxa vida. Estou com fome. Muito obrigado.

Bebe o suco, come as bolachas e

aprecia a paisagem.

A Senhora Iga deixa o ambiente em silêncio.

Matrícia reitera o convite:

– Vamos Luiz?

Ele pega na mão da Matrícia e ambos descem as escadas. Do saguão principal ela avista Lorena com um casal que é logo reconhecido pelo menino.

– São os meus pais (ele larga a mão de Matrícia e corre em direção daqueles que há muito esperavam esse momento).

A mãe ajoelha e abre os braços, os dois permanecem abraçados por longo período. O pai aproxima-se, enxuga as lágrimas e acaricia ambos.

18 Luiz faz uma pergunta a mãe:

– Mamãe onde estamos?

Ela responde sem dar muitos detalhes:

– É uma Colônia meu filho e agora iremos para a nossa fazenda.

O menino emociona-se:

– Que legal! Ah! Essa é Matrícia, ela cuidou de mim, eu acho. Bom,

então vamos.

Os três despendem-se e o pai faz sinal para distrair o menino, ele queria falar com Matrícia.

Lorena, a mãe e Luiz distanciam-se do grupo.

Então o pai de Luiz diz:

– Minha querida, por muito tempo orei por você, quando sua filha nasceu eu já estava aqui e minha esposa nada podia fazer. Gostaria muito de agradecer tudo o que fez pelo meu filho. Seu amor superou o seu ódio. Que Deus a abençoe.

18 Ambos se abraçam. O velho

despede-se com humildade e caminha em direção ao filho, pega-o no colo, dá a mão para a esposa, olha para trás e deixa um rastro de luz.

Lorena percebe as dúvidas de Matrícia e antecipa-se:

– Eles irão para um local semelhante a uma fazenda que possuíam na Terra, isso facilitará o tratamento de Luiz.

– O que acontecerá com ele? pergunta Matrícia

– Conforme for recobrando a memória ele adquirirá a forma

adulta, pouco a pouco seus erros serão revelados, ele então poderá ajoelhar, pedir perdão ou revoltar-se.

Matrícia resolve não perguntar o que aconteceria num caso de revolta, mas e no caso do arrependimento?

— Deus concederá nova oportunidade, Matrícia, creio que ele poderá reencarnar como médico sem fronteiras, trabalhar em lugares inóspitos, segurar nos braços crianças sem pais e com fome. A missão dele não será fácil. A sua

força estará na sua resignação. Mas isso é apenas uma suposição.

18 Matrícia agradece Lorena por tudo e diz:

– Lorena. Não tenho palavras para exprimir meu agradecimento. Obrigada, muito obrigada por tudo. Por favor, o que devo fazer, precisam de ajuda em algum ponto da Colônia?

Lorena sorri e diz:

– Querida, agradeça ao Pai e quanto a você tenho uma surpresa. Seu plano reencarnatório está em andamento, em breve falaremos

sobre isso.

19 O Retorno

Matrícia estava curiosa com a possibilidade de nova missão na Terra, sabia da importância e das dificuldades.

Enquanto esteve na Colônia resignou-se ao máximo, sem revoltar-se com nada, aceitando tudo.

Mas agora era diferente, ela sentia que uma nova etapa em sua escala evolutiva estava aproximando-se e era quase impossível admitir que não sentia “faldade”, mistura de saudade e falta daqueles que ela

tanto amou, em especial sua filha.

19 Queria pedir a Lorena autorização para rever sua família, mas temia que isso transparecesse apego e conseqüentemente interferir no seu processo reencarnatório.

Decidiu que a sinceridade seria o melhor caminho. Abriria seu coração a Deus e aceitaria sua reencarnação fosse onde fosse, pois queria resgatar suas dívidas, principalmente o seu suicídio.

Sozinha no seu quarto ela olhava o quadro, pensava nos seus pais e sentia um enorme aperto no coração. Então ela lembrou-se de

algumas lições do Evangelho.

Ajoelhou-se, colocou os braços em oração sobre a cama e fez um pedido ao Pai:

– Pai, vós que sois todo amor e bondade, permita-me ver a minha família mais uma vez, se essa for a vossa vontade.

Levantou-se e tomou uma decisão, faria o pedido à Lorena, se a resposta fosse negativa, aceitaria sem remorso.

19 Não foi necessário muito esforço, em poucos minutos alguém bate na porta, era Lorena e um

senhor de barba e cabelos brancos.

– Bom dia Matrícia. Podemos entrar ?

Matrícia fica surpresa e consente ao pedido :

– Claro... quer dizer, bom dia, sintam-se à vontade.

Lorena apresenta o amigo.

– Matrícia, esse é o Sr. Eustáquio, responsável pelo seu processo reencarnatório, ele fará uma breve apresentação e posteriormente você poderá aceitar, recusar ou alterar, respeitando as expiações e provas que forem definidas.

Matrícia aceita com humildade:

– Claro Lorena, claro. Tudo bem.

Lorena pede então para o Sr. Eustáquio apresentar o estudo. Homem educado e de fala baixa, faz a palavra:

– Querida Matrícia, você teve uma vida repleta de oportunidades, família estruturada, estudo e futuro, mas preferiu seguir outro caminho, perdoe-me se estou repetindo o passado, mas faz-se necessário. Pois bem, abandonou seus pais, esqueceu-se de Deus, abandonou uma criança e suicidou-se. A sua próxima reencarnação não será

fácil, pois deverá aprender o altruísmo, viver de forma mais humilde e não abandonar aqueles que a procurarem. Alguma dúvida?

19 Matrícia via-se cuidando de crianças na África ou em qualquer parte do mundo. Nascer com algum defeito físico, a fim de superar os obstáculos, sua mente estava confusa. Aproveita a oportunidade e pergunta:

– Sr. Eustáquio, Lorena. Aceito de coração essa nova oportunidade de resgate, seja onde for, com quem for. Sei que Deus e vocês só querem o meu bem. Sei que Deus

sempre atende às nossas orações e que às vezes a sua resposta é não. Ainda assim gostaria de saber se nascerei defeituosa e também fazer um pedido, visitar a minha família mais uma vez.

19 Senhor Eustáquio olha com carinho e diz:

– Não, você não nascerá defeituosa, terá uma vida equilibrada e seu maior desafio será viver com o seu dom. O dom da mediunidade, especificamente de cura, caberá a você, somente a você aceitar sua missão e cumpri-la. Se acha que será fácil viver como médium,

observe o que aconteceu com os que passaram na Terra antes de você. Muitos não acreditarão no que você dirá e aqueles que acreditarem não te deixarão falar. Orai e vigiai minha filha, esse é o meu conselho. E quanto ao seu pedido está concedido. Pode ir. Continuaremos após o seu retorno.

Lorena alivia o coração de Matrícia:

– Vamos?

Matrícia quase explode de emoção, abraça o Senhor Eustáquio, agradece e diz:

– Vamos, Lorena, estou pronta.

As duas transformam-se em luz, Sr. Eustáquio sorri e elas desaparecem.

A Mansão dos Nobres estava linda, o jardim ganhara um playground gigante, o gramado ficou maior, a sala de TV transformou-se num pequeno cinema, tudo obra do vovô João que cumpriu fielmente a sua palavra.

19 Matrícia encontrou a Mansão cheia de vida e amor e isso a tranquilizava, era o primeiro sinal que tudo iria bem.

Ela e Lorena caminharam pela varanda até encontrarem Dona Marta ensinando tricô para sua neta,

Matrícia (filha). Ambas estavam entretidas demais para sentirem ou intuírem a presença das duas, isso pouco importavam para Matrícia, ela queria apenas ver sua filha e seus pais, só isso.

Matrícia inicia um diálogo com Lorena:

– Lorena. Naquele dia que você resgatou-me, lembro-me que você ajoelhou e fez uma oração no ventre de minha filha. Por quê?

Lorena responde sem dar muitas explicações:

– Pedi a Deus que a abençoasse.

19 Matrícia percebe que sua filha não conseguira engravidar e diz:

– É Lorena, Ele sempre responde às nossas orações, mas às vezes a resposta é não. Eu entendo. Tinha esperanças de encontrá-la com um bebê no colo.

Lorena faz uma observação:

– Impossível Matrícia.

– Por que Lorena?

Lorena olha com doçura e responde com serenidade:

– Porque você será esse bebê que

ela tanto espera.

Os olhos de Matrícia enchem-se de lágrimas e ela pôde entender a sabedoria, a misericórdia e a bondade de Deus.

Lorena complementa:

– Mais um detalhe Matrícia, faz parte do processo reencarnatório conhecer a sua nova família. Seja bem-vinda à Mansão dos Nobres, seu novo futuro lar.

Ambas abraçam-se.

Deus traça os nossos caminhos na certeza de um novo amanhecer... Sempre.

19 Louvado seja Aquele que na sua misericórdia nos perdoa e nos ampara na eternidade:

Nascer, crescer, errar e morrer.

Nascer, crescer, errar menos e morrer.

Nascer, crescer, errar menos, amar e morrer.

Nascer, crescer e amar.

Amar.

20 De Volta à Colônia

Matrícia e Lorena voltam à Colônia e são recebidas pelo Senhor Eustáquio, este sempre muito calmo e parecia saber tudo que havia acontecido e de fato sabia, mas preferia ouvir da moça. Assim podia sentir o calor da empolgação, a emoção de um novo recomeço.

– Senhor Eustáquio, muito, muito obrigada, nem sei como agradecer. Dizia Matrícia.

O velho sabiamente a alerta:

– Querida. Certos defeitos tornam-se qualidades e certas qualidades tornam-se defeitos, dependendo da ocasião. E também algo que parece

bom pode tornar-se ruim e algo ruim pode ser uma coisa boa. Não podemos e não devemos concluir precipitadamente as coisas.

20 Reencarnar como filha da sua filha trará felicidade, mas a sua filha sofreu o abandono e não será fácil para ela superar isso quando olhar dentro da sua alma.

Esse tempo de não gravidez a fez desejar tanto um bebê que foi providencial para a sua chegada, lembre-se: nada é por acaso.

Vocês terão uma nova oportunidade e você um Dom, esperamos que supere as dificuldades, os medos e

os inimigos.

Reitero. Não será fácil.

Matrícia ouviu tudo atentamente. Ajoelhou diante dos dois, abaixou a cabeça e fez a oração que aprendera na Terra:

– Obrigada Senhor!

21 Mal-estar

Era uma linda manhã ensolarada, a suave brisa do mar misturava-se ao delicioso cheiro de café na Mansão dos Nobres.

Dona Marta fazia questão de preparar o “pretinho” todos os dias

e como fazia bem.

Matrícia (filha) era sua fã. Levantava embalada pelo barulho de xícaras, bule, pratos, colheres, cheiro de leite fervendo e claro ...de um “pretinho fresquinho”.

21 Naquela manhã Dona Marta estranhou o atraso da sua “freguesa” favorita. Estava tudo pronto e nada dela aparecer. Quando surge um vulto ainda de pijama, descabelado e arrastando chinelos.

– Nossa Matrícia (filha). O que está sentindo?

A moça responde arrastada:

– Ai vovó. “Tô” enjoada. Tudo me vira o estômago. Sei lá. Nunca tive isso.

Só de pensar em leite fico embrulhada.

Dona Marta enxugava um prato. Parou e pensou um pouco, quando viu uma linda borboleta azul pousar na janela, sem pensar muito, ela diz:

– Querida. Você está grávida.

Constrangida pelo comentário Matrícia (filha) fala:

– Ah! Vovó. Por Favor, não brinque

assim, estou preocupada. E se eu estiver doente? E as nossas crianças?

21 Dona Marta é enfática:

– Você está grávida.

Matrícia (filha) irrita-se:

– Pare vovó, você sabe que eu não posso engravidar. Como a senhora tem tanta certeza? Um passarinho te contou?

Dona Marta deixa o prato sobre a mesa, abraça a neta com carinho e diz:

– Não, meu amor. Não foi um

passarinho. Foi uma borboleta, uma borboleta azul.

Ela beija a neta, caminha até a janela e aprecia o sinal de Deus bater suas asas.

– Vovó! Vovó ! O que aconteceu?-
Matrícia não percebera a borboleta e Dona Marta complementa a explicação.

– Nada não minha querida, estava pensando nos sinais de Deus, Ele sempre nos envia, sempre...

Sem entender nada, Matrícia (filha) pede licença e sai.

21 Sobe as escadas e encontra

Rodrigo no corredor.

– Amor! Não estou legal.

Preocupado e atencioso o marido é enfático:

– Tudo bem. Percebi seu estado essa semana e acho melhor procurarmos um médico.

Ambos trocam de roupas, descem as escadas e avisam Dona Marta e o Sr. João :

– Vovó, Vovô, iremos ao médico.

Sr. João faz cara de preocupado e Dona Marta reitera sua observação de forma inusitada:

– Tudo bem amor, vão com Deus, vocês três.

Matrícia irrita-se:

– Pare vovó, que brincadeira mais boba.

Dona Marta não se altera:

– Não é brincadeira.

Matrícia (filha) deixa a Mansão visivelmente irritada. E Rodrigo tenta entender o caso:

– O que houve amor?

Ela explica de forma curta :

– Minha avó acha que estou grávida

e isso me irrita, ela sabe que não posso, que não consigo...ah! sei lá.

21 Rodrigo acha tudo estranho e confuso, mas como biólogo prefere aguardar os resultados dos exames. Com mulher não se discute, se estiver grávida então, melhor ficar em silêncio.

Chegaram cedo ao posto de saúde e logo foram atendidos pelo Dr. Hélio:

– Bom dia, Matrícia (filha), bom dia, Rodrigo.

Matrícia (filha) retribui o cumprimento de forma educada,

senta-se e expõe seu quadro, o velho médico ouve atentamente.

Sem dizer uma palavra ele levanta-se calmamente, aproxima-se do casal e inicia um exame, pede que ela fique de pé, aperta aqui, aperta ali, ausculta aqui, ausculta ali.

Volta-se para sua cadeira e pede a ela uma bateria de exames, discriminando-os numa guia padrão.

Matrícia (filha) não aceita:

– O Senhor não vai me receitar nada?

O médico sorri e diz:

– Não querida, por enquanto apenas repouso.

21 Ela sai revoltada e mal se despede. É Rodrigo que, ameniza a situação com o médico.

No carro ela descarrega a “energia” no marido:

– Você viu? Serviço de saúde péssimo. Ai que raiva.

O marido ouve e diz :

– Vamos colher o material e realizarmos os exames laboratoriais, depois veremos o que fazer, ok?

Matrícia (filha) quase explode de

raiva.

Meio a contragosto colhe urina, fezes, sangue e aguarda o chamado do posto.

Passaram-se quatro dias e o telefone da Mansão tocou, informando ser necessário o retorno de Matrícia (filha) ao médico.

O clima era tenso na Mansão, nada e ninguém podia falar com Matrícia (filha), irritava-se facilmente e enjoava-se com quase todas as comidas.

21 Naquela manhã Rodrigo estava preocupado. Sr. João sentia-

se perdido e Dona Marta estava nas nuvens de felicidade.

– Vovó, quer por favor tirar esse sorriso do rosto. Meu caso é grave.

Dona Marta sorriu e disse:

– Eu sei meu amor, seu caso é “gravedez”.

Matrícia (filha) iria discutir, mas resolve não perder tempo.

– Não aguento mais Rodrigo. Vamos embora.

Senhor João adverte a esposa:

– Marta, Marta, não faça mais isso.

Dona Marta abraça-o e sorri, só isso.

A chegada ao posto é igualmente tensa:

– Rodrigo, seja o que for eu te amo, tá. E promete cuidar das crianças, tá?

Rodrigo fica confuso e acha melhor não comentar nada. Apenas concorda.

– Tudo bem, amor.

21 Ao entrarem no consultório deparam-se com o Dr. Hélio lendo os exames.

– Bom dia Dr.

O médico responde com educação.

– Bom dia .

Matrícia (filha) vai direto ao ponto :

– Doutor . É grave o que eu tenho?

O médico olha para o casal e diz:

– Eu tenho duas notícias: uma boa e uma ruim, a boa é que não é grave.

Matrícia (filha) levanta-se e quase chorando diz:

– E a ruim Dr. ? Eu tenho 32 crianças para cuidar. Qual é a ruim?

Dr. Hélio levanta-se, aproxima-se da

moça, pega nas suas mãos e diz:

- A ruim minha filha é que esses enjôos podem durar até nove meses, você está grávida.

Seus olhos enchem-se de lágrimas, seu coração dispara, abraça o médico, dá-lhe um beijo no rosto, não diz nada, não consegue. Pega nas mãos do marido e “voa” para a Mansão.

21 Dona Marta e o Sr. João são surpreendidos pelos gritos de Matrícia (filha), que mal espera o portão ser aberto no automático. Desce do carro correndo como louca.

– Vovó...vovó...vovó .

Dona Marta, assustada, sai em disparada ao encontro da neta. Ambas se abraçam no jardim, exatamente no mesmo local em que dois anos atrás as três se encontraram, Matrícia (filha) chorando, Dona Marta um pouco confusa, Sr. João preocupado, que de longe assistiu a uma cena linda.

Sem dizer uma única palavra, Matrícia (filha) pega as mãos de Dona Marta e as coloca sobre o seu ventre.

Rodrigo apoia a cabeça no volante e agradece ao Pai , enquanto o

senhor João limpa os olhos molhados.

Abraçada à neta Dona Marta fecha os olhos e faz um pedido em silêncio.

“Senhor, permita pegar no colo essa criança, se for a vossa vontade”.

21 Nove meses se passaram, muitos enjoos, muitas incertezas, um pouco de medo e tudo isso passava com um pouco de colo da vovó e alguns conselhos do vovô.

Senhor João só dava um conselho em qualquer situação, por mais

absurda que pudesse parecer ele dizia:

– Matrícia, sobre isso ainda tenho alguma dúvida, mas vamos procurar a resposta num livro que achei na biblioteca.

O mais interessante era que ele não buscava um capítulo específico ou alguma página marcada, ele simplesmente abria o livro ao acaso... e sempre vinha a resposta.

– Vovô. É incrível como esse livro nos ajuda. Como o senhor teve a ideia de buscar respostas nele.

Senhor João respondeu com

humildade:

– Eu não descobri. Alguém escreveu na contracapa “Aqui encontrei as respostas S. M. - 1960 “

Se eu tivesse encontrado esse livro no passado, com certeza teria errado menos.

21 Matrícia agradeceu e pediu para guardá-lo na estante. Capa esmaecida pelo tempo, páginas amarelas. As cicatrizes em seu dorso indicavam o quanto fora usado aquele livro que levava um nome sem algumas letras:

“..VANGELHO SEGU...DO O

ESPIRISTIS..

Algumas coisas não perdem o seu valor.

22 Reencontro

– Alô! Meire? É a Matrícia, como vai?

Meire e Matrícia tornaram-se muito amigas e apesar da distância e poucas visitas, sempre se falavam.

– Oi Matrícia, que Saudade. E aí?

Matrícia dá uma bronca:

– A Ju (Juliana) não conhece vocês. Como fica?

– Vamos amanhã. Sem furo.

Só uma pessoa não participaria desse encontro, Dona Marta.

22 Após o nascimento, ela deitou-se com a pequena, como fazia sempre, contou algumas histórias, disse o quanto amou sua filha e ambas dormiram, naquela tarde somente a pequena Juliana acordou.

A chegada do casal na Mansão seria motivo de alegria e eram esses momentos e o sorriso da pequena que amenizavam os momentos em que Dona Marta fazia falta.

Ricardo e
Meire
encontraram
Matrícia
sentada na
varanda com a
“Dona Ju” nos
braços.



A pequena Ju não queria saber de nada, até ouvir a voz de Ricardo.

22 Ela despertou, estendeu o bracinho e pediu colo para o tio Ricardo.

Ao pegá-la ele ficou impressionado com os traços do rosto , expressão e o verde dos olhos.

– Minha avó dizia que ela é a cara da minha mãe. O que você acha?

Ricardo desconversa:

– Ah! Sei lá. Ela é linda, saudável, isso que importa.

Ele sai com a pequena pelo jardim,

vai até o Mirante e diz:

– Vou te ensinar uma oração de duas palavras.

A pequena Ju bate palmas, junta as mãozinhas na boca e sorri.

– Ah! Você já sabe. Quem bom.

Passam um dia maravilhoso até a pequenina ficar manhosa e procurar pela mãe.

– Venha com a mamãe meu amor, eu sei o que você quer.

22 Matrícia faz sinal para o casal e pede ajuda de Rodrigo.

Rodrigo pega a cadeirinha de bebê

e sobe para o solarium. Fixa o apoio da cadeirinha sobre uma mesa com uma fita preparada para isso.

Matrícia chega com a pequena manhosa e diz:

– Vejam. Ela é capaz de ficar horas aqui vendo o mar. Quase não pisca.

De repente aparece uma linda borboleta azul, que a todos encanta pela cor néon.

Meire emociona-se:

– Nossa, que linda!

Rodrigo, que era biólogo, tenta explicar:

– Essa espécie só é vista dentro da Mata Atlântica, não costuma visitar residências, mas essa aí sempre aparece quando a Ju está aqui, acho que é o cheiro de algum produto para bebê que a atrai.

22 Ela pousa a poucos metros das pessoas, enquanto a pequena Ju apreciava o bater suave de suas asas.

Ricardo percebe algo e limita-se a um único comentário:

– Nem tudo é o que parece ser.

Matrícia não entende e Ricardo complementa:

– Aprendi com uma amiga que borboletas não morrem... Transformam-se. Às vezes em pequenos anjos.

Despendem-se e deixam o local com a saudade já batendo forte. Quando se ama de verdade, a saudade vem antes do beijo de despedida.

A borboleta azul alça voo, mas diferente das demais ela não voa em direção à mata, voa em direção ao sol, cada vez mais alto, até ser encoberta pela luz do astro rei:

– Oi Azul. Já voltou?

Ela pousa nas mãos de Lorena.

– Dona Marta. Essa é a Azul.

A velha senhora estende a mão e diz:

– Nós já nos conhecemos. Venha, vamos contar histórias para as crianças. Azul pousa no ombro de Dona Marta e ambas caminham pelo gramado, onde teriam que contar muitas e muitas histórias.

22 Uma dessas histórias seria a de uma menina que tinha os olhos tão verdes que às vezes não era possível saber se era o reflexo do mar que coloria seus olhos ou eram

os seus olhos que coloriam o mar.

Na mansão Meire pede a bebê para despedir-se .Um longo e caloroso abraço, em alguém que talvez um dia a ajudou .



Ao pega-la no
colo Meire
pensa:

“Será ?”



Longe dali, na estrada, Meire questiona:

– Ri. A Ju é a Matrícia?

Ricardo olha sério para Meire e diz:

– Sabe guardar segredo?

Meire responde toda entusiasmada:

– Claro que sei.

Então, ele respira fundo e fala:

– Eu também.

22 Ela dá um tapa no seu ombro, chama-o de bobo e ambos caem na gargalhada.

Então ele explica:



– Deus concede o véu do esquecimento do passado para que possamos amar aqueles que um dia machucamos. E assim progredirmos segundo a sua lei. A lei do amor.

Meire pensa um pouco e diz:

– Sabe Ri. Acho que essa história daria um livro.

Ricardo pergunta:

– E qual seria o título?

Meire vira o rosto em direção ao mar e responde:

"Meu nome é Matrícia, conte a minha história."



Os profissionais e colaboradores abaixo doaram os seus direitos para elaboração deste

E-book:

Lisandra Rodrigues....Advogada

Gisele Achkar Jornalista

Mauricio Nelson Ribeiro....

Diretor/Capa

Karina Baade ...Modelo

Allan Bispo..... Diretor

Cinematográfico

Paulo Sato Fotografo

Cristiane Tanelli... Contra Regra

Rafaela Couto

Cappellano.....*Figurante(Bebê)*

Valéria Toratti Couto.....*Figurante*

Meire A. Achkar Bonetti

...Figurante

Renan Vitor Bonetti..... *Figurante*

Dennis Goebel Praça.....*Surfista*

Dani Paiva*Surfista*

Email do autor:

rbonetti.alp@terra.com.br